

Teoria Z

O modelo econômico japonês

As lições que as empresas brasileiras podem tirar do modelo japonês

A dialética Análise, crítica e contraproposta

Sócrates, um dos mais eminentes filósofos do Helenismo, desenvolveu um método do conhecimento chamado Maiêutica. A Maiêutica consistia em um método de conhecimento através do diálogo (dialeto, no grego). O que isso tem a ver com a dialética de Karl Marx?
Página 2



“Para administrar, o importante é gerar um clima de confiança na empresa.”

página 6

Um peso e duas medidas

Podemos acompanhar pelos noticiários da imprensa as manifestações de grupos pacifistas que se colocam frontalmente contra toda e qualquer movimentação oficial no tocante a armamentos. Mas qual a sombra projetada por trás de tudo isso?

Página 4

Materialismo dialético

Análise, crítica e contraproposta

A perspectiva marxista tem “conquistado” a mente de muitas pessoas. Em particular, é muito poderosa para desenvolver um ponto de vista metafísico de como funcionam as coisas e aplicá-lo à história. Podem os demonstrar a falsidade do marxismo bastante facilmente, e muitos o têm feito; porém o nosso trabalho não se esgota nesse ponto. Devemos propor uma perspectiva diferente. Isto é o que trata a cosmovisão unificacionista, a qual descreve o desenvolvimento e o estende, aplicando a um entendimento da história. Vemos que esta se desenvolve com um propósito, ligada às interações entre os homens e a interação de Deus e do Homem.

Página 12

“Vivemos na era da premeditação e do crime perfeito. Nossos criminosos já não são crianças indefesas que podem alegar carencia de amor como desculpa. Pelo contrário, são adultos, e tem um aliado perfeito: a filosofia, que pode ser utilizada para qualquer fim - ainda que para transformar assassinos em juizes.”

Albert Camus - The Rebel (New York: Vintage Books, 1956, pág. 3)

AINDA:

| | | | |
|---|----------|--|----------|
| De onde vem a teoria | pág. 10. | O paraíso albanês | pág. 8. |
| A república dos bananais e os seus cidadãos greveiros | pág. 4. | Mensagem de Fátima: seus segredos incompletos? | pág. 5. |
| A questão da virgindade | pág. 7. | Hipótese do sistema biocêntrico | pág. 8. |
| A teologia da libertação é contestada no Vaticano | pág. 2. | O colapso mundial | pág. 9. |
| A guerra civil na PUC/SP | pág. 11. | A voz do povo - a grande piada | pág. 10. |

Unificacionismo

A dialética

Análise, crítica e contraproposta

Leornes Ferreira

Sócrates, um dos mais eminentes filósofos do Helenismo, desenvolveu um método de conhecimento chamado Maiêutica. A Maiêutica consistia em um método de conhecimento através do diálogo (dialeto, no grego). Sócrates afirmava que a verdade estava no próprio homem e para descobri-la bastava conduzir os indivíduos através do diálogo, até a afirmação ou negação do fenômeno em análise. Depois da Diáspora dos judeus, estranhamente, a humanidade parece ter sofrido um retrocesso no conhecimento. Tal fenômeno histórico pode muito bem ser ilustrado pelo abandono da teoria heliocêntrica de Aristarco (o Sol é o centro do sistema), pela teoria de Ptolomeu (a Terra é o centro do sistema). Nota-se que houve um passo para trás. O ponto culminante desse retrocesso pode ser admitido como a "idade das trevas" da idade medieval. Esse período de trevas parece ter chegado ao fim a partir de 1517, época em que floresceu o Renascimento. A Renascença, como a própria palavra indica, nada mais representou que um renascer das antigas idéias helênicas em um nível mais elevado. Foi com o despertar extraordinário da humanidade para as artes, as ciências, as letras. Enfim, a Renascença representou uma verdadeira Revolução Cultural da qual herdamos o que de melhor possuímos em nossa cultura clássica contemporânea.

Um outro filósofo helênico de grande importância para a compreensão das origens históricas da dialética marxista é Heráclito. Heráclito desenvolveu todo o seu sistema de pensamento partindo da idéia do dinamismo: nada é estático na natureza. Tudo está em constante movimento e a origem desse movimento é a luta interna que se processa entre os elementos contrários presentes em todos os seres. Heráclito afirmava: "É impossível mergulhar duas vezes nas águas de um mesmo rio." Concluindo, vimos que o pensamento helênico de Sócrates, a dialética, e o pensamento de Heráclito, a análise dinâmica da natureza a partir da luta interior entre os elementos contrários, constituem os fundamentos históricos do método de análise do marxismo - a dialética.

A DIALÉTICA NA RENASCENÇA

Por volta dos séculos XVII e XVIII imperava entre os pensadores da Europa o famoso método de análise (ou método de conhecimento) denominado Metafísico. O método metafísico de índole teísta analisava o universo do ponto de vista estático em forma e imutável no tempo e no espaço. Concebia a realidade como uma manifestação externa da substância essencial da natureza, o Criador invisível. O pensamento metafísico sofria críticas contundentes por parte dos pensadores materialistas. Despontavam já os primeiros traços do

Racionalismo (método de análise racional) e do Empirismo (método de análise experimental).

Na primeira metade do século XVIII os círculos intelectuais da Alemanha vibravam sob a influência da filosofia de Hegel (1770-1831). Hegel representou um personagem paralelo a Heráclito. Analisando o pensamento de Heráclito quanto à origem do movimento a partir da luta entre os contrários, Hegel abraçou completamente esta concepção e a enquadrou dentro do seu sistema filosófico. De acordo com Hegel, os processos do mundo físico, dentro do tempo e do espaço, são simplesmente a realização do Espírito Absoluto que existe no mundo das idéias (logos). Por esse motivo, o mundo material não é estático e está em desenvolvimento constante, porque o Espírito Absoluto também se acha em desenvolvimento. Esse processo ocorre por intermédio de uma série de contradições entre os elementos contrários dos seres repetidas em três etapas denominadas Tese, Antítese e Síntese. Marx rejeitou o aspecto espiritual da filosofia de Hegel e abraçou a teoria da contradição e luta entre os contrários. Por que Marx agiu assim? Marx estava revoltado com a situação dos trabalhadores nos primeiros estágios do nascimento do capitalismo e da Revolução Industrial. Por esta razão, Marx queria criar um sistema de pensamento para induzir os trabalhadores à revolta violenta e à destruição do capitalismo e dos capitalistas. Dessa forma, Marx aplicou o conceito da Dialética (a dualidade universal) e das contradições (Elementos complementares) à sociedade. Era necessário fornecer uma explicação lógica para justificar a violência e eliminar o sentimento de culpa e perdão dos corações dos trabalhadores.

Assim, Marx desenvolveu o método de análise dialética (análise do universo do ponto de vista das relações mútuas, dinâmico e em desenvolvimento constante), e a sua famosa Lei da Unidade e Luta dos Contrários: "Em todos os seres e processos existem dois elementos contrários e unidade e luta constante." Por exemplo: o átomo é composto de um próton e um elétron. Lênin afirmou que o próton e o elétron são contrários e, por isso, acham-se em luta e contradição no interior do átomo e é essa relação conflituante que dá origem ao movimento e ao desenvolvimento em todo o universo. Para justificar a revolução violenta e lhe dar um caráter científico, Lênin aplicou tais exemplos à sociedade: o ovo possui dois elementos contrários - embrião e casca. À medida que o embrião se desenvolve, atingirá um ponto em que a casca passará a oprimi-lo impedindo-lhe o avanço. Neste ponto, naturalmente, o embrião quebrará a casca, libertando-se e transformando-se em um novo ser - o pinto. Do mesmo modo, o sistema capitalista é composto de dois elementos contrários - o capita-

lista e o proletariado. À medida que as forças de produção avançam (os proletários), as relações de produção (o sistema capitalista) passam a impedir o seu avanço. Até o ponto em que os proletários (como o embrião) destruirão o sistema capitalista (a casca do ovo), dando origem a um novo sistema - o comunismo.

A partir desses exemplos, os marxistas tentam fornecer uma explicação natural e científica para a violência das lutas de classe.

Até que ponto essas explicações são verdadeiras? Se a Lei da Unidade e Luta dos Contrários estiver incorreta, a teoria da luta de classes - a força motriz da revolução comunista - estará destruída ideologicamente e, portanto, não havendo justificativa ideológica, racional ou emocional para a luta de classes, os guerrilheiros e terroristas marxistas estarão reduzidos da falsa posição de "heróis libertadores" para a posição de simples criminosos equivocados por uma ideologia irracional que denigre o valor real dos seres humanos de "Filhos de Deus" a "pedaços de matéria em movimento", rebaixando-os.

DUALIDADE E DIALÉTICA

O Unificacionismo, reportando-se às filosofias e religiões do passado, traz à atualidade o conceito da dualidade cósmica. Todos os seres no mundo são duais.

Tal fenômeno nos revela uma lei universal denominada Lei da Dualidade Universal. Tais elementos duais, porém, não se compõem apenas de elementos materiais e externos, mas também são de natureza interna e espiritual. Por exemplo: Homem - mente e corpo; Animal - instinto e corpo; átomo - N.D.I. e massa etc. É mais do que evidente que as idéias não são de natureza material. Se assim fosse, seria possível comprar um quilo de idéias! No entanto, em algum lugar do ser humano estão acumuladas as lembranças e as informações. Onde seria esse lugar? No seu cérebro material? Evidentemente que não. Não é uma substância material. Suas lembranças e informações se acham acumuladas na sua memória, na sua mente espiritual. Ao afirmar que o universo é composto de elementos duais, Marx nada acrescentou à realidade. Tal verdade já havia sido revelada desde os tempos de Lao-Tsé, na China antiga.

A LEI DA AÇÃO DE DAR E RECEBER E A LEI DA UNIDADE E LUTA DOS CONTRÁRIOS

O marxismo afirma que os elementos duais são contrários. É exatamente sobre essa afirmação que se apóia a suposta Lei da Unidade e Luta dos Contrários. Senão, vejamos: se a relação existente entre o próton e o elétron é uma relação de conflito e

choque, a própria consistência do Universo (uma vez que é constituído de átomos) estará seriamente ameaçada de destruição absoluta! Nada parece mais irracional e absurdo que essa hipótese.

O Unificacionismo, através da Lei da Ação de Dar e Receber, afirma que todos os seres do universo são compostos de elementos duais distintos e complementares (próton e elétron, direito e esquerdo, homem e mulher, mais e menos etc.) em uma relação harmoniosa e complementar de Ação de Dar e Receber, e que é dessa ação que nasce o movimento. A relação existente entre o próton e o elétron é uma relação harmoniosa e complementar; de outra forma o próprio átomo inexistiria. Por sua vez, a casca do ovo não oprime o embrião, pelo contrário, protege-o, possibilitando o seu desenvolvimento seguro até a sua perfeição, quebrando-se naturalmente quando o pinto já está formado. Vemos assim, que os exemplos extraídos por Lênin da natureza, para justificar a luta social, não possui fundamento. Ainda mais, na natureza apenas os elementos iguais se repelem: fêmea-fêmea; macho-macho; positivo-positivo, próton-próton... O Unificacionismo chama a esse fenômeno "Fenômeno da Repulsão". A Lei da Unidade e Luta dos Contrários de Marx corresponde a uma distorção da verdade, efetuada com a finalidade maldosa de justificar a revolução violenta. Por esse motivo, Marx tornou-se ateu, pois o marxismo não podia admitir o perdão nem a união nem o amor.

Evidentemente, nesse pequeno artigo, não nos é possível esclarecer de forma mais clara e definitiva o incrível equívoco ideológico em que se constitui a dialética marxista e as suas "leis". A dialética constitui um dos maiores "orgulhos" dos marxistas. Destruída essa hipótese, muitos intelectuais em todo o mundo começam a denominar a ideologia marxista de "ideologia do contradicionismo" em virtude dos seus imensos erros, distorções e contradições.

O Unificacionismo, por sua vez, tem sido estudado de forma cada vez mais profunda e intensa pelos ideólogos do mundo ocidental. A falta de uma ideologia científica tem sido a maior fraqueza do mundo ocidental. O Unificacionismo despontou no mundo ocidental como a Ideologia do Ativismo Intelectual para despertar ideologicamente o mundo ocidental e para revelar a verdadeira identidade dos marxistas como também seus nefastos projetos de conquista mundial pela violência. Muitos governos começam a acatar e proteger o Unificacionismo como a "nova arma ideológica" do ocidente, capaz de derrotar, pela primeira vez, nos 150 anos do marxismo, a sua ideologia contraditória e confusa, criada pela revolta de um homem que, "preocupado" com o sofrimento do Homem, propôs a violência e a morte como solução.

NOTICIÁRIO GERAL

A teologia da libertação é condenada no Vaticano

Extraído da Folha de São Paulo - 14/04/84

VATICANO — O cardeal Joseph Ratzinger, máxima autoridade da Igreja Católica em matéria de doutrina depois do papa João Paulo II, denunciou ontem a Teologia da Libertação baseada no marxismo, que ganha força na América Latina e em outras regiões do Terceiro Mundo, como meios para promover mudanças sociais.

O prelado alemão, prefeito da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé (ex-Santo Ofício), afirmou que a Teologia da Libertação tem "diversas expressões plenamente legítimas e inclusive necessárias, outras criticáveis e algumas inadmissíveis". Ratzinger esclareceu que a Igreja aceita todas as metodologias de análise social e histórica "verda-

deiramente científicas", mas não o marxismo, que faz uma análise ideológica "da sociedade, da história e até da fé".

Revelou ainda que a Congregação para a Doutrina da Fé está acompanhando com atenção o pensamento dos teóricos da Teologia da Libertação, como o do brasileiro Leonardo Boff e do peruano Gustavo Gutierrez, que têm muita influência na América Latina. Segundo o prelado, alguns bispos e padres que viajam para a América Latina, procedentes de "países ricos", manifestam um certo sentimento de culpa diante da pobreza da região, adotando posições evangélicas "radicais".

Várias Ideologias

Para o cardeal, quando se fala em Teologia da Libertação é preciso entender a "multiplicidade de significados dessa expressão", já que o mais certo seria dizer "teologias da libertação". Ratzinger explica que "é indispensável uma reflexão crítica", pois "as teologias da libertação que se baseiam na força libertadora da fé são legítimas e necessárias, mas são inadmissíveis as que reduzem a fé à uma dimensão política e utilizam a análise marxista como instrumento de interpretação não só da história e da realidade social, mas inclusive da Bíblia e da mensagem cristã".

Num artigo publicado em março, o cardeal dizia que a Teologia da Libertação, além de estar ganhando terreno na América Latina, expandia-se por outras regiões do Terceiro Mundo, como a Índia, Sri Lanka, Filipinas, Formosa e partes da África. E definia essa doutrina como a aplicação do catolicismo às necessidades de distintas sociedades, como forma de retirar a teologia do âmbito abstrato e aplicá-la à vida cotidiana, "o que tem levado seus teóricos a justificarem o ativismo social", com a finalidade de conseguir mudanças dentro do sistema ou mesmo criar novos Governos socialistas.

Na Escola:

Prof.^a - Zequinha, onde nasceram Adão e Eva?

Zequinha - Na União Soviética, Professora.

Prof.^a - Na União Soviética?! Por quê?

Zequinha - Ora professora... Eles não tinham casa pra morar, andavam nus, possuíam apenas uma maçã pros dois e ainda diziam estar no Paraíso!

A. I. L. P. A.

Associação Internacional para Liberdade e Paz
PROPÓSITOS
RENASCIMENTO ESPIRITUAL

A base da tradição Judeu-Cristã foi um espírito revolucionário capaz de ao mesmo tempo unir o homem a Deus e transformar uma sociedade corrupta. O mundo de hoje precisa desesperadamente deste espírito. Emoção e intelecto, religião e ciência, precisam cooperar para extrair a energia apaixonada desta geração e canalizá-la para a construção de um ideal positivo.

NOVA CONVICÇÃO MORAL

Os anos 60 e 70 viram gerações perdidas fluando à procura de um ideal. Os movimentos de "amor livre" e "anti-establishment" atolaram-se no lamaçal das drogas, desenfreada promiscuidade e uma violência revolucionária descontrolada. Para construir um espírito novo de mudança positiva, o idealismo precisa ser baseado em princípios últimos que possam ser praticados todos os dias. Acreditamos que o altruísmo, disciplina pessoal, lealdade a um esposo ou família e trabalho para toda comunidade são os melhores fundamentos para se estabelecer uma boa sociedade.

ALTERNATIVA CRIATIVA PARA O MARXISMO

O marxismo-leninismo é o maior movimento revolucionário no mundo de hoje, representando um sério risco para a democracia, religião e o ideal de uma mudança social não-violenta. O comunismo prega "libertação" mas pratica a violenta opressão dos direitos humanos. Os estudantes do mundo democrático devem desenvolver uma clara resposta ao desafio marxista.

PATRIOTISMO GLOBAL

O século XX testemunhou duas guerras mundiais causadas pelo nacionalismo excessivo, que se tornou um conceito fora de moda no mundo contraído de hoje. Mas amar um país — e trabalhar para um país a fim de servir ao mundo — é um valor que não pode nunca morrer. Os estudantes, principalmente, precisam lutar para se tornar cidadãos que possam liderar nações na construção de um mundo de liberdade, prosperidade e paz.

Tribuna Universitária

Publicação mensal da Associação Internacional para Liberdade e Paz - A.I.L.P.A.:

Editor Responsável - César Zaduski
Redator Chefe - Osmar Costa Valentim - REG. D.R.T. - SP n.º 12.771

Assistente de Redação - Márcia Maria Aires Nunes

Ilustração - Maria Izabel Alves
Colaboração - Camilo Roberto C.F. Costa (Tradução)

- Maria Cecília Castro

Divisão de Publicidade — Maria do Carmo Fraga Moreira
Correspondência — Caixa Postal 15.123 — São Paulo - SP

Tiragem - 100.000 exemplares
Composição, fotolitos e impressão - DCI - INDÚSTRIA GRÁFICA S.A.

EDITORIAL

O Unificacionismo diante da ciência moderna e valores morais

Por que a questão "Ciência e Valores Morais"? Porque a situação da sociedade de hoje necessita urgentemente do manejo de tais assuntos os quais, estamos convictos, são decisivos para a solução dos nossos mais imediatos problemas. Temos a impressão de que a ciência moderna mostra agora indesejáveis e colaterais efeitos, apesar de ter, de longe, contribuído tremendamente para promover o bem-estar da humanidade com incessantes e surpreendentes avanços. A nosso ver, os homens de hoje estão perdendo sua subjetividade sobre a Ciência e isso parece como se a habilidade do homem para controlar a tecnologia científica, a qual ele mesmo tem desenvolvido, está gradualmente sendo enfraquecida. Se essa situação persistir, será difícil para nós garantirmos sobre qualquer situação indesejável que possa surgir no futuro próximo.

A razão da perda da subjetividade do homem é que a Ciência, por natureza, está apta a permitir aos cientistas que excluam as questões de humanidade e os valores morais do homem, no processo de desenvolvimento científico. Enquanto o tempo passa, a ciência tem gradualmente se fracionado em cada campo, tornando-se mais e mais especializada, inclinada a ser mais analítica e materialista, ignorando completamente a questão de moralidade ou de valores. Assim, a subjetividade e o domínio do homem sobre a Ciência começou a ser enfraquecidos ou perdidos. Nós temos certeza de que não é errado pensar que, afora as muitas motivações possíveis da pesquisa científica, a última e mais importante é, sem dúvida, realizar o bem-estar comum - do homem -, a prosperidade e a paz. Não obstante, como os campos da ciência se tornaram mais subordinados e os métodos mais analíticos, seu desenvolvimento se desviou da direção certa, que é no sentido de um estado de valor moral no qual o bem-estar comum do homem pode ser garantido. Os homens originalmente esperavam e antecipavam o bem-estar comum e a felicidade do homem, o qual está em uma posição subjetiva sobre o ambiente. Mas, ao contrário, as conquistas científicas têm, no máximo, resultado em aperfeiçoamento e desenvolvimento do ambiente, e em novos meios de vida, os quais estão em uma posição objetiva

para o homem. Quer dizer, enquanto o desejo original do homem era que a ciência conquistasse o bem-estar do homem, que é o sujeito, as conquistas científicas têm aparecido como o aperfeiçoamento e o desenvolvimento do ambiente, que é o objeto. Esta inconformidade e discrepância entre o desejo do homem e as conquistas científicas finalmente causaram o enfraquecimento ou perda da subjetividade do homem. Entretanto, é desejável que a ciência lide com a questão da subjetividade do homem, assim como dos problemas objetivos, tais como o aperfeiçoamento do ambiente e o desenvolvimento dos meios de vida. Nosso ardente desejo é que todos os cientistas e homens de conhecimento, estudantes e homens de linha de frente, desenvolvam seus respectivos campos com base em uma sólida visão dos valores morais, exaltando assim a dignidade humana através da adoção de métodos espirituais e unificados, da mesma forma que os materialistas e analíticos. Se nós tivéssemos criado o clima de ciência centralizada na dignidade humana, o extraordinário problema da poluição teria sido prevenido.

Aqui surge a questão da imagem original do homem, isto é, a natureza humana. Nossa visão é que a imagem original do homem é a harmoniosa unidade entre a mente e seu corpo. O homem original deveria ser um ser de unidade e harmonia entre seu espírito e corpo centralizados no propósito da bondade e do valor. Nós vemos o caráter original da ciência como o incorporar em unidade os dois lados do espírito e do corpo, assemelhando-se ao homem. Isto significa que a ciência deveria assumir um caráter unificado, lidando também com a área do valor moral. Pode ser apropriado chamar essa ciência sintetizada de "Ciência Cultural". Entretanto, ao tratar a ciência dessa visão de valor moral, aparece outra questão sobre o que deveria ser o padrão de valor. Em geral, o padrão de valor tem mudado de acordo com a idade e o ambiente. Existe uma vasta diferença entre o padrão de valor nos termos antigos e na época atual, assim como difere o padrão oriental do padrão ocidental. Consequentemente, para estabelecer um verdadeiro padrão de valor para o benefício comum e bem-estar de toda a humanidade, nós devemos estabelecer como padrão algum ele-

mento universal e absoluto que possa ser aplicado em qualquer tempo e em qualquer espaço. O estabelecimento desse padrão absoluto significa o estabelecimento de uma nova visão de valor moral. A essência desse padrão absoluto deveria ser o amor, o qual é a base da ética e do sistema familiar. Isso ocorre porque o verdadeiro amor no relacionamento ético da família é um amor absoluto, o qual emite alegria para toda a humanidade, da mesma forma que o sol emite luz para toda a criação. E esse amor nunca mudado através da história, quer no Leste, quer no Oeste. Neste ponto nós podemos pensar no Ser Absoluto que é o único sujeito desse amor absoluto. Nós acreditamos ser desejável que este Ser Absoluto se torne o padrão último da nova visão de valor.

De acordo com o Unificacionismo, esse Ser Absoluto não é de forma alguma um ser conceitual, mas sim uma entidade substancial, a qual tem sido revelada até agora a si mesma através da história humana. Nós sabemos que na história muitos sábios e santos, incluindo muitos líderes religiosos, têm aparecido em diferentes épocas e em diferentes lugares. Essas pessoas, sem exceção, apelaram para a consciência e o coração humano, impelindo à prática do amor. Quando os homens responderam e seguiram os seus ensinamentos, as nações gozaram de paz e prosperidade, mas quando eles se opuseram, caíram em confusão e declínio. Mesmo hoje toda a humanidade está em confusão, esperando consciente ou inconscientemente, pelo aparecimento de sábios e santos modernos para realizar esse amor. Todos esses fatos significam que a história tem-se desenvolvido em direção à realização desse amor. Dessa forma, nós só podemos compreender que na história tem existido um eixo central funcionando em uma certa direção. Nós queremos definir esse ser substancial que tem atuado no papel do eixo como "Ser Absoluto". Nós podemos ver que por trás das cenas da história humana, esse Ser Absoluto tem planejado estabelecer o mundo de valores morais, realizando o amor através dos santos, dos homens justos e dos líderes conscienciosos. Assim, nossa conclusão é de que se toda a humanidade aceitar esse Ser Absoluto como eixo central da história humana, o mundo de valores morais irá ser realizado sem dificuldades.

DEBATE

A sociedade humana, um organismo doente

José Albuquerque de Almeida Filho

Dizer que a sociedade humana está fora de ordem é uma forma muito vaga, não científica, não filosófica e também muito superficial de apresentar os seus problemas e contradições. Além de ser uma constatação óbvia.

Ainda de uma forma leiga, se a observarmos como um organismo, veremos que está profundamente enferma. É como se uma doença invisível e não identificável a estivesse corroendo por dentro. Existe uma grande esperança de cura, mas até o momento estão-se fazendo pesquisas tanto para diagnosticar o mal quanto para preparar o antídoto.

Diante de uma doença, o primeiro passo é fazer o diagnóstico. Se ele não é obtido, ou é obtido incorretamente, não haverá remédio eficaz contra o mal, porque o que conhecemos são apenas os sintomas, e os remédios empregados têm sido apenas para combatê-los.

Pode-se ficar aplicando remédios para os sintomas por muito tempo, por quanto tempo se queira. Mas, assim como um organismo doente, os seus órgãos e tecidos e células sofrerão as consequências (todo remédio tem efeito colateral), intoxicando-se.

Podemos comparar os remédios às diferentes ideologias, todos os "ismos" que foram e continuam sendo aplicados à humanidade através dos tempos; os efeitos colaterais são os conflitos e sofrimentos trazidos quando houve qualquer tipo de mudança, fosse pacífica ou violenta. A tremenda confusão ideológica de hoje é também um desses efeitos.

Não sabemos exatamente a causa, mas, à guisa de antecipação, podemos dizer que são os relativismos, os diferentes pontos de vista, com respeito às coisas elementares e essenciais, como sistemas políticos e econômicos, religiões, padrão de ética e moral etc. E o remédio para cortar isto, por enquanto, seria o conhecimento por todos de uma meta única, bem como a compreensão desta meta por todos e a disposição efetiva de cada um em realizá-la. Quando houver essa consciência e esse consenso, a cura virá sem dúvida.

E, como todos os organismos, também a sociedade está sujeita a leis e princípios os quais permitem a sua existência e regem as suas ações.

É fundamental o conhecimento e a submissão a eles, não importando se é ou não científico ou moderno. Este fato é absoluto e imutável, como o são também as leis que regem os fenômenos físicos e químicos.

Desde a era mitológica, passando pelo misticismo e até a nossa era científica, desde os tempos dos magos e filósofos antigos, até os modernos cientistas e pensadores contemporâneos, muitos já lhe deram idéias e remédios. Combateram muitos sintomas, como combatem ainda hoje.

Porém, falta o mais importante: identificar a causa. Quando isso for feito, os últimos sofrimentos serão os efeitos secundários do remédio verdadeiro e definitivo. Depois... não importa quanto tempo depois, virá o usufruto e o leite deste organismo relacionando-se harmoniosamente com o seu meio ambiente. Seria mais ou menos como um corpo no qual houvesse uma momentânea disritmia cerebral e depois de um longo e penoso tratamento voltasse a funcionar normalmente.

"PACIFISMO?"

Um peso e duas medidas

Cezar S. - Goiânia - GO

Podemos acompanhar pelos noticiários da imprensa as manifestações de grupos pacifistas que se colocam frontalmente contra toda e qualquer movimentação oficial no tocante a armamentos. Acreditamos que todos já tiveram oportunidade de ver pela televisão as cenas verdadeiramente patéticas de multidões fazendo piquetes em frente de quartéis e bases militares, no intuito de impedir as instalações de mísseis e outros tipos de materiais bélicos. Não podemos deixar de sentir a motivação sincera e altruística dessas pessoas que lutam contra a violência e a guerra, que são o resultado natural dessa corrida armamentista e do desenvolvimento tecnológico voltado para fins militares.

Logicamente o uso dessas terríveis armas provocariam malefícios terríveis. Milhões e milhões de pessoas morreriam. O equilíbrio ecológico seria terrivelmente abalado, provocando daí uma série de danos ao homem. Mais do que ninguém, esses grupos pacifistas compreendem que a resultante desse crescente armamento mundial seria a aniquilação sistemática do próprio homem. O filme *The Day After* nos dá uma pálida amostra do quão maléfico é o resultado do uso dos terríveis artefatos atômicos.

Os grupos pacifistas agem então no sentido de impedir que o uso das armas provoque a destruição do ser humano. É realmente uma motivação bastante altruística como já dissemos antes.

Esses grupos pacifistas ou ecológicos estão em vários países do mundo, organizados em partidos políticos. Uns com pouca expressão e outros como o Partido Verde na Alemanha Ocidental que obteve algumas conquistas não de todo insignificantes nas últimas eleições. De qualquer modo, estes partidos estão em um franco processo de fortalecimento e apoio visível por parte da opinião pública.

Existem também algumas instituições pacifistas internacionais de peso significativo, como por exemplo o Conselho Mundial da Paz - CMP -, que promovem e organizam as ações dos grupos pacifistas em suas campanhas pró-desarmamento. Seria de uma ingenuidade crassa pensar que as manifestações dos grupos pacifistas fossem uma articulação resultante de simples vontade espontânea de pessoas comuns bem-intencionadas. É lógico supor que esses grupos sejam organizados por algo ou alguém que os estructure e lhes dê um mínimo de coordenação logística. É justamente aí que entram os partidos de cunho ecológico ou pacifista, juntamente com as instituições de mesmos propósitos. As manifestações antiarmamento que diuturnamente ocorrem principalmente na Europa, estão diretamente ligadas com os pacifistas políticos locais, ou com as instituições do tipo do CMP.

Devemos nesta altura, falar um pouco sobre esta organização pacifista que é o Conselho Mundial da Paz. Surgiu em 1950 em Paris, com uma base de propaganda pragmática sustentada no slogan "proibam a bomba", e aqui cabe uma observação que julgamos importante: nessa época a União Soviética ainda não havia conseguido possuir armas nucleares. O CMP foi expulso da França em 1951, por uma atividade um tanto estranha à sua linha de ação pacifista: subversão. Mudou-se para Praga, ficando até 1954, quando foi para Viena. O Governo austríaco expulsou o CMP pelo mesmo motivo que os franceses: as atividades subversivas. Mas em Viena ficou uma ramificação do CMP, denominada Instituto Internacional para a Paz. Em 1968 o CMP estabeleceu sede em Helsinque, desta vez com uma base de propaganda alicerçada na retirada das forças norte-americanas do Vietnã. O CMP está desde 1967 sediado em Genebra.

O CMP não tem meios próprios de subsis-



tência. Enormes quantias de dinheiro são gastas na manutenção de seus escritórios em Helsinque, Viena e Genebra: para publicar e distribuir em todo mundo e mensalmente, os periódicos em inglês, francês, alemão e espanhol; para financiar os congressos internacionais e para inúmeras formas de fomentação à paz. De onde vem esse dinheiro? Poderemos saber se soubermos por outro lado que o CMP nada fez para mobilizar grupos de pacifistas por ocasião da instalação clandestina de mísseis em Cuba em 1962; não criticou um único programa de armamento soviético (somente os ocidentais) e inclusive apoiou a invasão soviética do Afeganistão e criticou duramente a recente intervenção americana em Granada. De onde vem o dinheiro do CMP? Sabe-se que no secretariado permanente do CMP em Helsinque estão nomeados funcionários (?) da KGB, a terrível polícia política soviética, e também funcionários do Departamento Internacional do Comitê Central, um órgão diretamente ligado ao Kremlin. De onde vem o dinheiro? Este dinheiro vem clandestinamente da Rússia. Por isso os fundos do CMP são praticamente ilimitados e assim fica fácil por meio de propaganda a indução de anticomunistas em causas que interessam aos comunistas. As pessoas desejam a paz e o comunismo usa esse desejo de forma a que pessoas bem intencionadas trabalhem para os interesses soviéticos. Pessoas que têm a liberdade, inclusive de gritar, gritam pedindo que seus Governos, os únicos que podem manter essa liberdade, se desarmem. E isto equivale a dizer praticamente para se entregarem.

É do conhecimento de todos que o mundo está dividido em 2 forças políticas em confronto: Democracia e Comunismo. A OTAN, Organização do Tratado do Atlântico Norte, é a instituição militar que visa a segurança e proteção defensiva dos países democráticos, que tem nos Estados Unidos sua força máxima e líder natural. O Pacto de Varsóvia por sua vez é a instituição do mundo comunista com a mesma hipotética finalidade. O Pacto de Varsóvia reúne os países do outro lado da chamada Cortina de Ferro e tem, como não poderia deixar de ser, como líder e expressão máxima, a União Soviética.

Aqui abrimos espaço para uma observação: os movimentos e manifestações pró-desarmamento ocorrem em sua quase totalidade nos países do mundo democrático, ou seja, os países pertencentes à OTAN. Os grupos pacifistas pedem o desarmamento de seus respectivos países, isto é, pedem o desar-

mamento UNILATERAL. Se isso ocorresse, teríamos então uma diminuição paulatina do poderio militar dos países-membros da OTAN, e conseqüentemente o fortalecimento contínuo dos países do Pacto de Varsóvia, pois estes países se armam com uma intensidade impressionante. Nos países comunistas o bem-estar comum é sacrificado pela classe dirigente justamente para fortalecer sistematicamente seus poderes bélicos.

Recentemente tivemos o episódio da intervenção na ilha de Granada por parte dos Estados Unidos. Verificou-se nessa oportunidade a maciça presença militar de Cuba em Granada. Sabe-se que Cuba é um dos principais aliados da política soviética, e por isso mesmo representa um papel de suma importância nesta política expansionista do comunismo. O que dissemos acima é para ilustrar a maneira como o comunismo internacional, representado pela União Soviética, age. Se fortalece bastante e ao sentir que o oponente se encontra em desvantagem de forças, ataca sem piedade. Foi o que aconteceu no Afeganistão e quase aconteceu em Granada, onde felizmente a ação pronta e enérgica dos Estados Unidos não permitiu que mais um país fosse dominado e escravizado por Moscou. Apenas a demonstração ostensiva e a ação efetiva de força militar por parte dos EUA pôde rechaçar a invasão cubana em Granada.

Neste ponto lançamos uma interrogação: a quem pode interessar o desarmamento dos países de regime democrático? Quem poderia beneficiar-se desse desarmamento unilateral que é pedido pelos grupos pacifistas, pelos partidos ecológicos e pelas instituições como o Conselho Mundial da Paz? A resposta é óbvia. Os comunistas teriam com esse desarmamento unilateral uma presa fácil, desarmada e desprotegida. Incapaz de perpetrar ações como os EUA em Granada.

Não estamos fazendo a apologia de uma substancialização bélica ao extremo, mas tudo que dissemos é apenas para provar o que nos parece ser bem claro; apenas um equilíbrio e, eventualmente uma superioridade militar do mundo democrático, pode sustentar e conter a política expansionista do comunismo. Este só se detém diante de uma intimidação clara e franca.

E aí temos os partidos políticos e as pessoas que sinceramente pensando estar lutando por uma causa boa, se levantam e pedem desarmamento dos seus países. O ideal seria realmente um mundo sem armas, onde as fabulosas somas de dinheiro empregadas em armamentos fossem usadas para a melhoria social, para a educação, enfim para dar ao ser humano algo mais proveitoso que bombas, armas ou coisas assim. Esse mundo ideal será um dia estabelecido, não temos nenhuma dúvida disso, mas por enquanto há que se usar de força para combater uma ideologia que prega o ódio e a violência como forma de diálogo.

Para finalizar, queremos destacar um fato ocorrido em Moscou em 19 de abril de 1982. Um grupo de turistas europeus em viagem à União Soviética tentou uma manifestação antiarmamentos, desfraldando na Praça Vermelha de Moscou, uma bandeira que dizia em Russo: Pão, Vida e Desarmamento. Imediatamente a polícia apanhou-os e levou-os para a prisão.

Vamos agora transcrever parte de uma notícia da Associated Press diretamente de Moscou em 8 de agosto de 1982: "Um cofundador do único grupo de desarmamento de Moscou está sendo obrigado a tomar tranquilizantes num hospital psiquiátrico."

Pelo visto a "paz" fomentada pelos comunistas não é interessante para eles. Esta paz, que é um peso absoluto e único, está tendo duas medidas, e isto, é uma coisa bastante estranha. Ou não?

POESIA

Brasil enfermo

Ademir A. Soares

Oh!... Brasil! Do céu coberto de estrelas
Desperta-te do colo desta terra errante
Defende-te das armadilhas que te cercam
Nestes teus momentos conflitantes

Do teu seio a paz se distancia
A farsa da realidade te alicia
Tirando a esperança do povo
E enganando o teu imenso coração

Tuas águas já não são mais calmas
Teu solo está repleto de ervas daninhas
Teus passos trôpegos titubeiam
Como o caminhar de uma criança gigante

Querem envenenar-te, meu gigante menino
E fazer-te debruçar eternamente
Na cama gélida do terror
Sob os pés da Estrela Solitária

A nação geme e chora a tua enfermidade
Teus bons filhos lamentam a traição
Dos chacais que prometeram te libertar
Da ceifa da foice, e do martelo da opressão

A beleza do teu céu não terá sentido
As águas de tuas nascentes não matarão a sede
Se não levantarem Homens deste solo
Capazes de curar as tuas chagas.

CONTO

A República dos Bananais e os seus cidadãos greveiros

Conta-se que numa determinada região de um planeta distante havia uma república na qual se produzia uma grande quantidade de doce de bananas.

A República dos Bananais porém, era, por sua beleza e riqueza, sedentamente cobiçada pelo seu arquiinimigo vizinho: a República dos Bárbaros. Certo dia a República dos Macacos Bárbaros enviou um batalhão de espíões, sabotadores, terroristas, ladrões, criminosos e toda uma laia de traidores para destruir a próspera indústria doceira da República dos Bananais, dessa forma enfraquecendo-a para torná-la mais caótica e passível de invasão e domínio (conta-se que a República dos Macacos Bárbaros vivia na miséria comprando doce de Bananais e seus vizinhos). Imediatamente após aterrissar na República dos Bananais, os espíões macacos trataram de se infiltrar nos sindicatos e associações da indústria doceira e passaram a promover constantemente greves e paralisações ocasionando imensos prejuízos à indústria doceira de Bananais e, conseqüentemente, aos próprios Bananeiros nativos que, inocentemente, e mais por ferra do que por consciência, se deixam manipular pelas idéias e pelas táticas subversivas dos Macacos invasores. O Chefe da nação do Bananal se preocupava sem no entanto encontrar uma solução.

Finalmente lhe apareceu um certo dia um dos Bananeiros e lhe propôs uma idéia: "Todos os industriais da indústria doceira devem unir-se, e, em conjunto, tão logo a greve inicie, comecem a demitir sistematicamente os trabalhadores doceiros. Hoje, 50 de cada empresa. Amanhã, 100. Depois de amanhã, 120... E assim sucessivamente. Tal medida despertará os trabalhadores doceiros que estão sendo manipulados para a destruição da sua nação sem o saberem, ou obrigará uma intervenção direta e imediata do Governo Federal nas indústrias doceiras, dessa forma pondo fim de uma vez por todas às greves antipatriotas e anarquistas dos inocentes pais de famílias doceiros."

Quanto aos Macacos e aos que se tornaram traidores da República dos Bananais, devem ser todos enviados para o lugar de onde vieram se tanto lhes agrada o sistema de governo vigente na República dos Macacos Bárbaros. E, assim, estará terminada a novela audaciosa das greves dos Bananeiros.

"O Bananeiro"

DOSSIÊ

Mensagens de Fátima: seus segredos incompletos?

Osmar Costa Valentim

A irmã Lúcia teme revelar o Terceiro Segredo. Paulo VI tão impressionado com o seu teor procurou uma solução parcial para o problema. Este Documento Pontifício foi chamado de "REDAÇÃO DIPLOMÁTICA DA TERCEIRA MENSAGEM DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA". As duas primeiras revelações foram ocultadas até o instante de suas concretizações. O pedido de N. S. de Fátima não foi atendido. Os religiosos responsáveis por sua proclamação fracassaram.

OS SEGREDOS DE FÁTIMA

A história dos segredos de Fátima remonta a 1917, em plena Primeira Grande Guerra Mundial, uma época em que o mundo assistia, entre surpresa e apavorado, à vitória dos comunistas na União Soviética. Em maio deste mesmo ano, Nossa Senhora apareceu, pela primeira vez, a três humildes pastores da região de Fátima, em Portugal. Suas aparições se sucederam por seis meses, encerrando-se em outubro. Dos três pastores-meninos, apenas Lúcia conseguiu conversar com Nossa Senhora. Desta conversa resultou a Revelação de Três Segredos: 1.º - Fim da Primeira Guerra, que se deu no ano seguinte à revelação, e o Começo da Segunda; - 2.º - O grande flagelo imposto pela União Soviética ao mundo e sua posterior conversão ao Cristianismo; e - 3.º - Lúcia não o quis revelar (Segredo Escrito).

O Papa Paulo VI, sucessor de João XXIII, leu a Carta de Lúcia e, profundamente impressionado com o seu significado, procurou uma solução parcial para o problema. O Sumo Pontífice concordava quanto aos riscos de revelação do segredo, mas formou uma espécie de "REDAÇÃO DIPLOMÁTICA DA TERCEIRA MENSAGEM DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA".

Este resumo diplomático, de que tomaram conhecimento os líderes mundiais JOHN F. KENNEDY dos Estados Unidos; o primeiro-ministro da Inglaterra, MACMILLAN; e NIKITA KRUCHEV da União Soviética, é aqui transcrito por Dom Alois Fuchs, ex-vigário-geral da Arquidiocese de Vitória, no Estado do Espírito Santo. Seu texto é o seguinte: "Terrível castigo virá sobre a humanidade. Não hoje ou amanhã, mas na Segunda Metade do Século XX, o que EU já disse em La Sallette, à Melânia e Maximino, torno a dizer a você; o mundo pecou e pisou nas ofertas que lhe tenho feito. EM LUGAR NENHUM REINA A ORDEM.

Mesmo nos postos mais elevados, Satanás reina e determina o desenrolar dos acontecimentos. ELE SABERÁ PENETRAR ATÉ NOS POSTOS MAIS ELEVADOS DA IGREJA. Conseguirá deslumbrar a inteligência dos grandes cientistas, fazendo-os descobrir armas capazes de destruir, em poucos minutos, metade da humanidade. Satanás dominará os poderes da Terra, fazendo-os produzir estas armas em grande quantidade.

"SE A HUMANIDADE NÃO REAGIR, SEREI FORÇADA A DEIXAR CAIR O BRAÇO DE MEU FILHO JESUS CRISTO."

Se as mais altas autoridades do mundo e a Igreja não tentarem impedir tais intentos, EU o farei e pedirei a DEUS PAI que deixe cair sobre a humanidade o seu castigo.

E eis que Deus castigará o homem mais duramente que no dilúvio. Perecerão tanto os grandes e poderosos quanto os pequenos e fracos.

Aqueles que esperarem em mim e crerem em minhas palavras não deverão ter medo porque EU não os abandonarei, nem tampouco aos que propagarem a minha mensagem. Aqueles que estiverem em estado de graça, sofrerem e morrerem inocentemente, serão mártires e habitarão no Reino de Deus.

Também para a Igreja se aproxima a época das mais duras provações: CARDEAIS SE LEVANTARÃO CONTRA CARDEAIS E BISPOS CONTRA BISPOS. SATANÁS PENETRARÁ EM SUAS FILEIRAS. TAMBÉM EM ROMA HAVERÁ GRANDES MODIFICAÇÕES. O QUE ESTIVER PODRE CAIRÁ. E,



O QUE CAI, NINGUÉM DEVERÁ SUSTENTAR. O mundo ficará assombrado. A realmente Grande Guerra sucederá na Segunda Metade do Século XX. Fogo e Fumaça cairão do Céu; as águas do oceano começarão a evaporar-se, as ondas subirão em direção aos céus e tudo o que está de pé será derrubado. De uma hora para outra, milhões de homens encontrarão a morte e os que sobreviverem invejarão os mortos. Em toda parte haverá angústia, no mundo inteiro existirá miséria e, em todos os países, haverá destruição. OLHE: O TEMPO SE APROXI-

MA E O ABISMO ESTA-SE TORNANDO CADA VEZ MAIOR. Não haverá salvação. Os bons morrerão juntamente com os maus; os grandes com os pequenos; os príncipes da Igreja com seus fiéis; e os poderosos do mundo com os seus povos. Em toda parte reinará Satanás, levado ao triunfo por homens insanos, seus escravos, será então o único "Senhor da Terra". Chegará o momento que nenhum Rei, Imperador, Cardeal ou Bispo espera. Mas chegará pela Vontade do Pai, para que sejam castigados os que merecem. "Mais tarde, porém, quando ain-

da estiverem vivos os que resistirem a tudo, estes chamarão novamente por Deus e o glorificarão e lhe servirão como outrora, quando o mundo não estava tão perdido.

"EU FAÇO MEU APELO A TODOS OS CRISTÃOS, A TODOS OS VERDADEIROS SEGUIDORES DE MEU FILHO JESUS CRISTO E APÓSTOLOS DOS ÚLTIMOS TEMPOS: O TEMPO SE APROXIMA. O fim está próximo, se a humanidade não se arrepender e a conversão não vier do Alto, dos que governam o mundo e a Igreja!

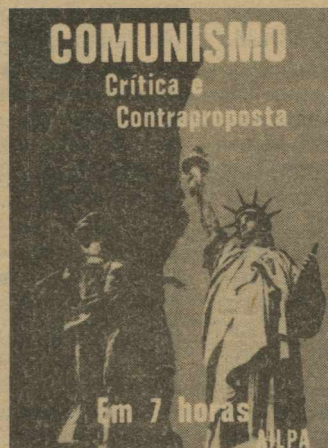
Dos três pastores apenas Lúcia conseguiu conversar com Nossa Senhora. Sua prima Jacinta a via e a ouvia, mas Francisco, seu irmão, apenas a via. (Estes morreram de pneumonia nos anos seguintes: Francisco em 1919 e Jacinta em 1920). Nas romarias que se seguiram, as pessoas não conseguiram vê-la, mas muitas garantiram, em processo canônico, terem percebido perturbações meteorológicas na região.

Naquela ocasião o terceiro segredo ficou escrito em uma carta, entregue ao Bispo de Leiria, em Portugal. Mais tarde entregue ao arcebispo de Coimbra e enviada, finalmente, ao Vaticano. Ao tomar conhecimento do segredo, o Papa Pio XII teve um abalo tão grande que lacrou novamente o envelope e determinou que fosse entregue a seu sucessor. Pio XII morreria pouco tempo depois (1958).

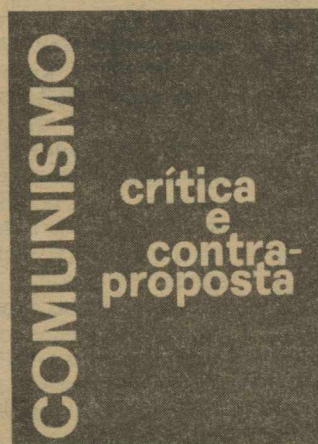
Em 1963, seis meses antes de sua morte, o Papa João XXIII foi perguntado sobre a conveniência da revelação da terceira mensagem de Fátima. O Sumo Pontífice respondeu: "Continuará segredo de Estado. Não é possível dar-lhe publicidade, porque seu texto autêntico causaria imenso pânico no mundo inteiro."

A irmã Lúcia, a única sobrevivente, pertence hoje à Ordem das Carmelitas Descalças e qualquer entrevista que venha dar exige-se, obrigatoriamente, autorização papal, pois sua consagração religiosa denomina-se "clausura papal".

Saiba se defender contra o comunismo Não deixe de ler



COMUNISMO - CRÍTICA E CONTRAPROPOSTA (resumido didaticamente) Este livro contém, de forma concisa, a mais simples e clara análise do marxismo-leninismo que jamais se conheceu. Contém, também, um novo sistema de pensamento que está movendo todo o mundo livre. Excelente para debates em aula, para quaisquer níveis. (92 págs. preço: \$ 2.000,00).



COMUNISMO - CRÍTICA E CONTRAPROPOSTA Pela primeira vez, uma completa análise e uma profunda crítica à teoria marxista é apresentada de tal modo que deixa ver claramente os inegáveis efeitos e erros de uma ultrapassada doutrina materialista. (290 págs. preço: \$ 3.000,00)



Comunismo - Suas promessas... suas práticas Conheça a sutileza e a profundidade da malícia marxista para conquistar os corpos e as mentes dos povos e utilizá-las contra eles próprios. (102 págs. preço \$ 2.000,00)



UNIFICACIONISMO Novas Ideias Para Uma Sociedade Em Crise
O Unificacionismo é uma contemporânea, espiritual, científica e histórica teoria do homem e do Universo, que oferece uma positiva alternativa à ideologia marxista. Mostra cientificamente que a cooperação e a harmonia não a contradição e a luta como o marxismo afirma - são as forças que determinam o progresso humano. Proclama a unidade do núcleo familiar centrado em Deus, como o centro dinâmico de uma revolução moral capaz de criar um verdadeiro mundo de harmonia. (92 págs. preço: \$ 2.000,00)

Estes livros poderão ser adquiridos através de pedidos à Caixa Postal n.º 15.123 mediante cheque nominal à AILPA.

EM DEFESA DO CAPITALISMO

O teórico do sucesso

Extraído da Revista VEJA, de

Entrevista com

Numa empresa de tipo Z, o emprego é vitalício, os funcionários são promovidos lentamente mas regularmente, estimula-se a participação dos empregados nas decisões da diretoria e acionam-se vários mecanismos para que a competitividade característica do ambiente de trabalho dê lugar à cooperação durante o expediente e ao coleguismo nos momentos de lazer. Parece coisa de japoneses — e é. No seu livro *TEORIA Z*, editado em 1981 nos Estados Unidos, traduzido para treze idiomas e agora lançado no Brasil (editora Fundo Educativo Brasileiro, 294 páginas), depois de vender 1 milhão de exemplares pelo resto do mundo, o professor William Ouchi tentou exatamente elaborar uma fórmula de enxerto no Ocidente dos métodos de produção que transformaram o Japão num dos gigantes industriais do planeta.

Tentou e conseguiu, a julgar pelo sucesso nos últimos dois anos e meio com palestras e conferências pelo mundo afora, entre algumas no Rio e em São Paulo. Trazido ao Brasil pela Intercultural, empresa nacional de importação de Know-how administrativo, para uma permanência total de três dias, Ouchi falou durante mais de 20 horas a cerca de 300 executivos das maiores empresas brasileiras.

Americano de 40 anos, professor da Universidade da Califórnia, Ouchi fala de cor, sem consultar nenhuma anotação e sem mudar seu tom de voz. Nessa entrevista, ele fala sobre a mais bem-sucedida versão de como os métodos japoneses podem ser assimilados por qualquer país do mundo.

A COMPETIÇÃO INTERNA DEVE SER EVITADA

VEJA — A Teoria Z nasceu nos Estados Unidos, com inspiração japonesa. O senhor acha que ela frutificará no Brasil?

OUCHI — Só não poderia ser implantada no Brasil, ou em qualquer outro país, se nós partíssemos do princípio de que os japoneses, os americanos, os brasileiros, os franceses ou quaisquer outros povos têm, entre si, diferenças humanas inatas e intransponíveis. Não creio nisso.

VEJA — Mas, se os seres humanos são iguais, os problemas de suas empresas não podem mudar de país para país?

OUCHI — A meu ver, eles nascem, em qualquer lugar, de duas características universais do ser humano. A primeira é que o homem trabalha voltado principalmente para seus próprios interesses. A segunda, que o homem é limitado em sua racionalidade. Devido a essa limitação, problemas complexos, como gerir uma ferrovia ou fazer funcionar uma siderúrgica, tendem no dia-a-dia a ser divididos em pequenas partes em vez de serem tratados por todos como uma coisa só. Por causa da primeira característica — a do interesse próprio —, cada pessoa sempre lutará para ir em frente, ainda que em prejuízo dos outros. Então, em qualquer

país do mundo, com qualquer povo, sempre que se deixar uma empresa a solta entre essas duas características, ela sucumbirá à anarquia. Administrar é, fundamentalmente, lidar bem com esses dois fatores.

VEJA — É aí que entra a Teoria Z?

OUCHI — Sim, porque numa empresa japonesa o que se vê funcionar é um sistema que desestimula, no interesse coletivo, as pessoas agirem de maneira egoísta. Se o japonês pudesse comportar-se egoisticamente, é claro que o faria. Ele vive numa sociedade que trabalha num ambiente em que a solidariedade é estimulada e o contrário é punido. Como as características são universais, onde se conseguir criar um sistema igual, as pessoas, apesar de suas fraquezas, passarão a cooperar umas com as outras, com proveito da produtividade.

VEJA — O que o levou a procurar essa receita?

OUCHI — Para começar, tenho que contar um pouco da história de como eu selecionei os modelos da companhia. A, tipicamente americana, e da Z, tipicamente japonesa. Comecei estudando, num trabalho acadêmico, a administração de empresas japonesas. E, quando eu descrevia uma empresa japonesa em sua essência, muitos empresários americanos me diziam que as companhias para as quais trabalhavam nos Estados Unidos, sendo genuinamente americanas, tinham exatamente o mesmo sistema. Eram do que eu chamava tipo japonês e não sabiam disso.

VEJA — Diante disso, o senhor mudou os rumos da pesquisa?

OUCHI — Antes, duvidei muito disso, fiquei muito cético. Não acreditava que empresas criadas nos Estados Unidos reproduzissem um modelo que eu considerava, depois de muito estudo, como a própria essência do modelo empresarial japonês.

BRASIL E JAPÃO TÊM PONTOS EM COMUM

VEJA — A partir daí, de que forma o senhor conduziu o trabalho?

OUCHI — Comecei por entrevistar vários empresários, depois de escolher na lista das 1.000 maiores empresas americanas as 22 líderes de cada ramo. Em cada uma, submeti a três diretores um questionário — o mesmo que mandei a 160 jornalistas especializados em Economia nos EUA e cinquenta analistas cadastrados na Sociedade de Seguradores de Nova York. No questionário, eu descrevia o modelo A e o Z, tomando cuidado para não enfeitar um mais do que o outro, e perguntava em que grupo eles colocariam cada uma das 22 empresas americanas escolhidas no rol das melhores. Houve uma que todas as respostas consideravam do tipo A, outras que todos consideravam do tipo Z e, no resto, misturavam-se as opiniões. Foi nessas duas primeiras que eu comecei, com minha equipe, um estudo de quatro anos e meio, comparando como funcionavam.

VEJA — Mas tanto a empresa tipo A quanto a tipo Z funcionavam igualmente bem?

OUCHI — Elas estavam entre as mais eficientes dos Estados Unidos. Mas o curioso é que, pelos questionários, havia uma correlação tremendamente significativa entre as companhias que se consideravam de mais prestígio, ou mais bem administradas, e as indicações do tipo Z. Então eu me convenci de que havia uma predisposição muito grande na América para aceitar a empresa de tipo japonês.

VEJA — Isso do ponto de vista do empresário. E quanto ao empregado?

OUCHI — Muita gente me dizia que o sistema japonês não daria certo na sociedade americana porque dá ênfase à solidariedade e à segurança, ao passo que os americanos estão mais habituados a procurar emprego onde haja mais chances de estrelato, de subir rápido, de competição.

VEJA — E não estão?

OUCHI — Fiz toda essa pesquisa nos anos 70. Nessa época, fizemos um levantamento entre alunos da Harvard Business School. Alunos de Harvard são famosos pela paciência, pela pressa de subir na carreira. Perguntou-se à turma do primeiro ano: se pudessem escolher entre A e Z, qual iriam preferir? Pensei que a unanimidade quisesse A. Mas, para minha surpresa, mais de 30% quiseram Z. O mesmo texto foi repetido com a turma do segundo ano, mais madura. Ali, o resultado foi mais de 50% para Z.

VEJA — No Brasil, o senhor acha que as empresas e os empregados estariam prontos para a construção de estruturas mais solidárias?

OUCHI — Por acaso, as duas empresas que eu escolhi para estudar, a A e a Z, tinham filiais no Brasil. E nós viemos ao Brasil, na ocasião, ver como elas se davam aqui. Eu trazia a hipótese de que, na sociedade brasileira, a companhia Z teria de mudar muito, ajustando-se a uma sociedade menos urbanizada que a dos Estados Unidos — portanto, lidando com gente que ainda conserva laços familiares, de vizinhos, de seita, de tudo, muito mais estreitos. Em tal sociedade eu suponha que haveria muito menos pessoas dispostas a tomar chope no fim do expediente com os colegas de trabalho. Os brasileiros não vão querer ser japoneses, eu pensava.

VEJA — Estava enganado?

OUCHI — Exatamente. Estava enganado, completamente enganado. Encontrei a companhia Z operando aqui nos mesmos moldes da matriz americana, com o mesmo moral elevado, as mesmas taxas baixíssimas de demissões dos funcionários, a mesma produtividade alta e os empregados participando das decisões com o mesmo espírito democrático. Isso, principalmente, eu não esperava, pois viviam dizendo-me que, nos países da América Latina, o povo está tão acostumado a tratar a aristocracia que gosta de olhar para ela de bai-

xo para cima. Isso é absolutamente falso. Ninguém escolhe voluntariamente ficar por baixo, não ter nenhuma decisão — as pessoas só aceitam isso se não têm outra opção.

DEMISSÕES EM MASSA MINAM A EMPRESA

VEJA — Outro obstáculo à aclimação de sua teoria no Brasil pode ser a distância entre os níveis salariais.

OUCHI — Isso é um problema. Quanto maior a distância entre os salários, mais difícil aplicar a teoria Z. Um de seus princípios é a promoção lenta e gradual e isso só apetece a um quadro que tem rendimentos razoavelmente equilibrados.

VEJA — Qual é a saída?

OUCHI — Uma das fórmulas seria talvez aplicar o sistema Z a um certo grupo dentro da empresa onde os desníveis sejam menores. Mas os resultados seriam limitados. Por que o fundamento da empresa Z é a confiança interna — e isso é impossível numa companhia em que o operário ganha 3 dólares por dia enquanto o presidente está enriquecendo.

VEJA — Demissões em massa nas fases ruins também minam a confiança?

OUCHI — Não é possível desenvolver a teoria Z se as pessoas sabem que, ao primeiro aperto, serão postas na rua. Aliás, você não pode desenvolver coisa alguma sem mudar isso antes. É algo que não funciona. Das duas uma: ou se arca com um grande custo de Previdência Social ou se leva o país a uma revolução. Em ambos os casos, o risco de bancarrota é enorme. Nesse ponto, já não se estão discutindo teorias A ou Z.

VEJA — Há outro modo?

OUCHI — O japonês, por exemplo. No Japão, pede-se ao trabalhador que participe dos riscos financeiros da empresa — isso através de um processo muito sutil. Ele recebe um salário fixo e, além dele, uma bonificação paga anualmente ou duas vezes por ano. A bonificação chega a um terço dos ganhos anuais de um trabalhador — mas não serve à sua sobrevivência. Serve para comprar carro, viajar nas férias, investir — o supérfluo. O salário tem de prover o sustento, a casa, a comida e as despesas médicas. É um adicional pelo qual o empregado participa dos lucros nos anos bons. Quando chega uma fase ruim, corta-se a bonificação. Uma empresa japonesa pode reduzir a sua folha em até 30% sem mandar ninguém embora.

VEJA — Suas idéias têm chegado a milhares de pessoas. Há muitos casos de mal-entendidos com a teoria Z?

OUCHI — Inúmeros. O mais comum é causado por gente que ouve uma conferência e acha que tudo se resume em mandar a gerência cruzar os braços e deixar o operário tomando conta de si mesmo. Em geral, o operário cruza os braços também, na mesma hora. Nunca me canso de repetir: o segredo é

criar um clima geral de confiança. Só quando a direção confia bastante no empregado é que se pode dizer: “Vou suspender a supervisão porque sei que você fará seu melhor possível.” Mas para existir essa mentalidade é necessário, primeiro, fazer o empregado confiar na administração — e que ela lhe dará boas condições de trabalho. Emprego estável, salário digno e todas essas condições indispensáveis à harmonia da casa.

OS BONS DIRIGENTES SÃO INTUITIVOS

VEJA — E se é o único equívoco?

entendeu

OUCHI — Há quem pense que a teoria Z assim: “Ah! os japoneses estão vencendo porque eles não ligam para o lucro.” Não é nada disso. O essencial é que não se pode deixar de ver tudo ao mesmo tempo — o mercado, os acionistas, os empregados e a saúde financeira —, para que, no fim de tudo isso, chegue o lucro. O lucro não pode ser a medida da empresa porque é deformante se visto isoladamente. Uma empresa pode mostrar muito lucro em seu balanço e estar, no fundo, doente sem saber.

VEJA — No Japão, os diretores das grandes empresas costumam dizer que um dos problemas dos americanos é dar trela demais aos administradores de empresas.

OUCHI — Eu sei disso. Eles são bons na prática, mas em qualquer lugar do mundo os bons dirigentes de empresas tendem a ser meio intuitivos, pouco introspectivos em seu trabalho. Isso não é surpresa para mim.

VEJA — Eles também revelam muito desconhecimento em relação à teoria Z?

OUCHI — Quando meu livro saiu no Japão, recebi um telefonema de um diretor de empresa dizendo que seu presidente havia comprado sessenta exemplares e queria que eu os autografasse. Aproveitou para dizer que ele pretendia distribuir entre conhecidos porque, durante anos, fizeram força para explicar como era uma empresa japonesa por dentro e não conseguiram.

VEJA — Quantas empresas o senhor acha que já mudaram de A a Z depois de sua teoria?

OUCHI — Não sei. É tentador acreditar que muitas. Recebo muita correspondência, leio jornais e revistas, tudo dizendo com frequência que uma certa empresa, de que às vezes eu nunca ouvi falar, converteu-se em tipo Z. Na semana passada mesmo eu vi numa revista americana a reportagem sobre a conversão dos cassinos do Grupo Caesar's World, de Atlantic City, coisa que nunca imaginei. Recebi também uma carta de um hospital, bastante grande, com 500 leitos, dizendo que, depois de mandar sessenta de seus médicos a uma conferência minha, eles haviam mudado inteiramente a direção do estabelecimento. Até de um rabino já recebi relatos semelhantes. Mas eu sou meio cético. Acho que a mudança para Z não é questão de fé, em que se diz “eu creio” e, pronto, mudou

de 13 de outubro de 1982.

William Ouchi

tudo da noite para o dia. Uma transformação dessas leva anos, cinco, dez, quinze anos no mínimo. VEJA - Quem quiser se preparar para o fim do século, portanto, tem de começar já.

OUCHI - Isso mesmo. Há poucas décadas, a tecnologia envolvida na maioria dos grandes negócios industriais era muito simples - por isso, permitia especializações de tarefas. Em indústrias de tecnologia muito avançada, isso mudou. Cada pessoa envolvida na produção tem que ter uma idéia razoavelmente sólida do funcionamento geral da empresa, de como cada fase se ajusta na outra. Em outras palavras, a indústria moderna exige cada vez mais integração. Estou convicto de que as empresas que conseguirem essa integração se sairão melhor que as outras.

VEJA - Não importa o tamanho da empresa?

OUCHI - Evidentemente, quando se tem um negócio com cinco empregados, a coisa é mais direta. Ou você conhece cada um deles e consegue fazer com que eles trabalhem para você, ou quebrará. O entendimento e o desentendimento são diretos e visíveis. Quando se tem 1.000 empregados, isso é menos claro. O presidente fala com o vice, que fala com o gerente, que fala com o capataz, que fala com os funcionários - essa velha corrente não é? Eles só se encontram uma vez por ano, na festa de aniversário do patrão ou no Natal. Às vezes, encontram-se tarde demais.

IDÉIA DE PROPRIEDADE ESTÁ MUDANDO

VEJA - A teoria Z pretende abolir a luta de classe?

OUCHI - Nesse sentido, sim. Ela parte do princípio de que não há um inevitável conflito de interesses entre os donos e os trabalhadores. Esse sentimento data de séculos atrás, mas a idéia de propriedade, numa sociedade democrática, mudou muito ultimamente. Nos Estados Unidos, por exemplo, o dono de empresa não pode construir o que quiser nos terrenos que possui sem passar por uma verdadeira filtragem. A comunidade, através de várias instituições, influiria para saber que tipo de fábrica ele pretende fazer. Se polui ou não, qual o estilo arquitetônico da sede, se vai ter transporte próprio para não sobrecarregar o sistema de transportes coletivos da vizinhança, e até qual vai ser a altura do prédio. A noção de direito de propriedade mudou muito, tornou-se bem mais restrita pelo interesse coletivo. Numa certa medida, toda propriedade é meio pública.

VEJA - Quer dizer que o senhor não se considera um antimarxista?

OUCHI - Para mim, tanto faz. Tanto se pode dizer que a teoria Z é incompatível com o marxismo, o que me deixa muito à vontade, pois não tenho nenhuma simpatia pelo marxismo, ou que ela dá certo nos Estados Unidos porque o país se livrou do tipo de propriedade privada do século passado.

CHARGE



PESQUISA

A QUESTÃO DA VIRGINDADE

Extraído da Revista Manchete

Antropólogo Nelson da Matta.

Qual o sentido da virgindade?

Atualmente, uma juventude confiante e voltada para os valores do individualismo diz que a "virgindade dá câncer". A frase exagerada revela algo profundo. A virgindade não é mais um estado desejável ou mistério a envolver mulheres numa condição singular, espécie de véu de inviolabilidade e pureza.

Ela mostra um certo desdém que com razão se desenvolveu contra o tradicional controle das mulheres pelos homens em todas as sociedades e em todos os tempos. No fundo, a frase feita indica que nos tempos atuais a vontade individual tem lugar sagrado e não se pode mais controlar nenhuma mulher com tal cinto de castidade biológico, tal como ocorria com a virgem tradicional, policiada externamente pelo pai e pelos irmãos e, fisiologicamente pelo próprio corpo! Mas que câncer seria esse? Antigamente a gente dizia com o devido respeito que a virgindade era como a questão social: pelo menos no Brasil, era um caso de polícia. Dava cadeia, provocava escândalo, desonra e marginalidade. Tal como a lepra, a perda da virgindade pelos caminhos não institucionalizados conduzia a uma posição social incurável, marca que se carregava pesadamente pelo resto da vida. Hoje, com as grandes cidades e a circulação de mensagens do mundo exterior, tudo isso parece fora de moda, mas as idéias em suas forças ainda estão conosco, fazendo pressão em nossos corações. Que idéias são essas? Observemos, de saída, algo importante. Se a virgindade dá câncer, ela também confere prêmios e qualifica para a santidade. Todas as santas são virgens e não é ao acaso que freiras e padres devem fazer um voto de castidade. É que a renúncia à sexualidade confirma e define uma renúncia do mundo onde os homens vivem com suas paixões e a sociedade se reproduz com ajuda da sexualidade. Não há reprodução sem sexo. Mas poderia haver, em casos especiais, uma gravidez virgem. A afirmativa parece maluquice se não fosse exatamente esse o caso da Imaculada Conceição, a nossa Virgem Maria. A Mãe de Deus da Igreja Católica que instituiu na sua condição especial um dogma de fé, porque até mesmo os teólogos sabem que não se pode ser mãe e virgem ao mesmo tempo. Mas aqui, conforme se pode logo descobrir, trata-se de estabelecer uma posição especial para uma pessoa es-

pecial. A Mãe de Deus tem de ser uma mulher que possa conciliar dois papéis desejáveis e no entanto contraditórios. A virgem é intocável e não tem contato com o sexo. Mas a Mãe, que também deve ser pura e santa, só pode ser assim porque teve contato com o outro sexo. Com a idéia e o modelo da Virgem Maria, cria-se a imagem da mulher perfeita: virgem e mãe ao mesmo tempo. A contradição biológica é ultrapassada pelo modelo moral.

E tudo isso revela como a virgindade pode ser um sinal de qualidades morais muito importantes. No caso da religião, da própria Mãe de Deus. No nosso mundo diário, ele é certamente a imagem da segurança social e moral de certos grupos. Porque se os homens controlam o mundo exterior — o universo da religião, da política e das leis — as mulheres em geral comandam o domínio das emoções e dos sentimentos, das dúvidas e de tudo aquilo que tem a ver com o oculto, o interno e o suspeito. Um dos maiores enganos da civilização ocidental foi pensar que o mundo se resumia em política e economia. Hoje sabemos que, mesmo neste mundo, onde as mulheres foram oprimidas, elas não deixaram de controlar processos informais por onde podiam passar aspectos básicos da própria condição humana. Assim, se a virgindade pesa nas mulheres, ela pode tornar insustentável a posição moral de uma família, porque, de fato, a honra do grupo repousa também no comportamento correto e controlado de suas mulheres. Mesmo hoje, sabemos que a mulher pode desmoralizar um homem pelo seu comportamento, sobretudo por sua conduta sexual. Se os homens controlam, eles pagam por esse controle. A virgindade, então, seria um modo de demarcar fronteiras morais entre grupos e entre pessoas. No fundo ela marca a forma pela qual a sociedade concebe seus membros, e mais, o modo pelo qual eles devem aproximar-se. A virgem é alguém que não conhece os homens.

A mãe é mulher que conhece um homem: o seu marido (o pai); e a prostituta é a mulher que conhece teoricamente todos os homens.

A progressão correta é de virgem para mãe. A progressão incorreta é de virgem para prostituta. A virgindade demarca um estado especial, revelador de qualidades morais. O estado oposto corresponde ao de prostituta, a mulher que é de todos os

homens, marcada conforme sabemos pela mais profunda impureza social e moral.

Daí certamente a impossibilidade de confundir os papéis de mãe com o de prostituta. Tudo isso nos revela uma intrincada gramática social que a observação permite revelar. O importante é descobrir que muitas sociedades assim demarcam os papéis femininos, mas nem todas o fazem do mesmo modo. E discutir o caso brasileiro. Pode ser libertador esse modo de olhar para dentro de nós mesmos, na descoberta dos papéis sociais que atribuímos a nossas mulheres. No caso da virgem, vimos, a dramática ausência de sexualidade vai permitir o controle da sexualidade e do poder reprodutivo pelo cuidado na sua transformação de virgem em mãe. Isso somente mostra uma sociedade preocupada com suas relações de afinidade e com as forças que permitem a sua reprodução enquanto sistema social. Certamente que somos assim no Brasil.

O amor é desejável, mas devemos tomar certos cuidados com quem amamos. A virgem é aquela pessoa que é marcada pela inocência. Quem a ela revela o mundo do amor tem responsabilidades. Desvirginar uma moça pode não dar mais cadeia e nem provocar nenhum crime. Afinal, estamos longe dos tempos das luvas de pelicas e das saias rodadas. Ser virgem dá câncer, diz a voz da televisão e do cinema. Mas o que a sociedade ainda nos revela é que a virgindade está relacionada à nossa moralidade mais profunda. Não estou afirmando isso para que se concorde com a moral social. Não. Digo apenas que o que existe é esse profundo respeito pelas diferenças entre homens e mulheres que a noção de virgindade tão bem expressa. Antes de tomar um partido, desejo entender o sentido dessa crença social tão profundamente sentida entre nós. Sei que tudo isso é coisa antiga. Sei que tudo isso está fora de moda. Mas sei também que o amor dos poetas e dos jovens está marcado pela esperança de ser o primeiro na primeira vez. Assim, por entre as flores de um jardim perfumado e no leito do amor, eu ainda vejo um casal descobrindo o sentido da virgindade porque ela "também" fala sempre de um primeiro homem, de uma primeira mulher e de uma primeira vez...

"O AMOR É MARCADO PELA ESPERANÇA DE SE SER O PRIMEIRO NA PRIMEIRA VEZ..."

CARTA DO LEITOR

Prezado Senhor

Uma vez mais, movido pelo mesmo espírito de nacionalismo, esperança e fé que nos une, venho parabenizá-lo por vosso conceituado jornal e, permita-me a pretensão, ajudá-lo em nossa missão, como brasileiros que somos, de alerta e combate às falsas ideologias do Império do Ateísmo, pois, como sabemos, o marxismo tem invadido nossas universidades, infiltrando-se em nosso meio e, o que é pior, sem o devido combate que merece.

Pergunto-me diariamente quando será que nós, brasileiros, vamos acordar para esta triste realidade que nos aflige. Será que nós, universitários, não enxergamos que estamos sendo manipulados por um pequeno grupo de cidadãos interessados não em justiça, liberdade e fraternidade, mas sim, em distorcer o significado de termos tão nobres? Será que, para compreender tal hipocrisia, nos devemos subordinar a ela? Não seria melhor, digo, mais racional, como nos disse Malba Tahan, "é preciso, pois, que os homens assegurem o futuro, iluminados pela experiência do passado e pela lição livre e segura do presente?"

Creio que é chegada a hora de dar um BASTA a esta situação de inércia e cegueira em que nos encontramos, pois, como disse-nos S. João, "Jesus veio para libertar-nos da inércia da "MORTE" e ressuscitar-nos para uma vida de graça (com Deus)". "Paremos, pois, para refletir sobre o verdadeiro espírito de liberdade, igualdade, e fraternidade!"

Permita-me, ainda, finalizar esta carta, lembrando-lhe certos trechos de Rui Barbosa:

"... Tratar com desigualdade a iguais, ou a desiguais com igualdade, seria desigualdade flagrante e não igualdade real. Os apetites humanos conceberam inverter a norma universal da criação, pretendendo não dar a cada um, na razão do que vale, mas atribuir o mesmo a todos, como se todos se equivalessem."

Esta blasfêmia contra a razão e a fé, contra a civilização e a humanidade, é a filosofia da miséria, proclamada em nome dos direitos e, executada, não faria senão inaugurar, em vez da supremacia do trabalho, a organização da miséria.

Oração e trabalho são os recursos mais poderosos na criação moral do homem. A oração é o íntimo sublimar-se d'alma pelo contato com Deus. O trabalho é o interar, o desenvolver, o apurar das energias do corpo e do espírito, mediante a ação contínua de cada um sobre si mesmo e sobre o mundo onde labutamos.

Eia, senhores! Mocidade viril! Inteligência brasileira! Nobre nação explorada! Brasil de ontem e amanhã! Dai-nos o de hoje, que nos falta.

Mãos à obra da reivindicação de nossa perdida economia; mãos à obra da nossa reconstituição interior; mãos à obra de reconciliarmos a vida nacional com as instituições nacionais; mãos à obra de substituir pela verdade o simulacro político da nossa existência entre as nações. Trabalhai por essa que há de ser a salvação nossa. Mas não buscando salvadores. Ainda vos poderei salvar a vós mesmos. Não é sonho, meus amigos, sinto eu, nas pulsações do sangue, essa ressurreição ansiada. Assim o queira Deus.

Resta-nos, pois, tomarmos o exemplo destes nobres brasileiros em vez de iludir-nos com falsas ideologias.

Atenciosamente, F.F.S.C.
S.J. Rio Preto

PESQUISA/CIÊNCIA

A hipótese do sistema bicêntrico

Neodiálogo sobre os dois principais sistemas

Leornes Ferreira

A Astronomia no Helenismo

O Helenismo foi um acontecimento histórico marcado por um despertar da civilização helênica representada por um conjunto de sábios que procuravam saber acerca da origem, natureza e finalidade da vida e do Universo. Nessa busca, muitos dos principais princípios científicos atuais foram rudimentarmente descobertos por eles. Sua busca não tinha direção definida, estendia-se a todas as áreas do Ser da biologia à matemática; da astronomia à sociologia. Neste pequeno tratado, procuraremos nos ater a apenas um desses ramos do conhecimento desenvolvidos naquele período - o ramo da astronomia.

Tentaremos apresentar um ponto de vista Unificado sobre o sistema solar, que venha ratificar a proposição acumulativa da ciência: os conhecimentos não se perdem, são aperfeiçoados e incorporados a um todo, no sentido de oferecer respostas cada vez mais exatas para os fenômenos da natureza. Procuraremos demonstrar a veracidade dos dois principais sistemas mais conhecidos dos nossos tempos - O Sistema Copernicano e o Sistema Ptolomaico -, numa tentativa de unificá-los em um único sistema ao qual denominaremos "Sistema Bicêntrico".

Buscaremos fundamentar nossas proposições e hipóteses nos conhecimentos da ciência contemporânea e numa argumentação baseada no Unificacionismo - O Sistema de Pensamento desenvolvido pelo rev. Sun Myung Moon. O Unificacionismo surgiu no cenário mundial a partir da segunda metade do século XX. Por caracterizar-se por uma visão unificada do Universo - matéria e espírito -, alcançou notabilidade internacional nos mais elevados meios acadêmicos (representado internacionalmente pela Academia de Professores para a Paz Mundial - Appam) e científicos (representados pela Conferência Internacional para a Unidade das Ciências - Icus). Tremos, à medida do desenvolvimento desses escritos, introduzindo aos leitores algumas das leis e princípios científicos que baseiam o Unificacionismo.

O Sistema Geocêntrico - Ptolomeu (ano 75 a.C.)

A idéia de que a Terra ocupava a posição de centro do Universo, em volta da qual os planetas e o Sol descreviam círculos perfeitos, não foi originalmente desenvolvida por Ptolomeu. Platão (427-347 a.C.), Aristóteles (384-322 a.C.), Eudóxio (408-355 a.C.) e ainda Hiparco (190-120 a.C.), sendo este último o mais importante, já haviam descrito e defendido o sistema geocêntrico.

Os pensadores gregos da antiguidade, talvez em virtude da sua visão humanizada dos seus deuses, concebiam o Homem como "O Centro do Universo". Essa visão diluída perfeitamente no estoicismo (ideologia do Império Romano), viria, provavelmente, a influenciar fortemente o Cristianismo, principalmente por sua visão religiosa que concebia Jesus como o Homem-deus. Dessa forma, por toda a idade antiga e medieval, a Igreja defendeu a visão Universal Geocêntrica apresentada por Ptolomeu.

Naturalmente, por se tratar de uma visão religiosa, originalmente bíblica e uma vez que a religião existe para gerar a paz e a felicidade espiritual entre os Homens, a qual se refletiria como consequência no seu ambiente material, era natural a aceitação do sistema geocêntrico por parte do Cristianismo, uma vez que o mesmo enfatizava a grandiosidade de Deus, nos Homens - seus filhos. Este aspecto, aliado à obscuridade intelectual e cultural da Idade Média e aos constantes golpes da "nascente ciência renascentista", acuraram a Igreja a tal ponto de ela ver ameaçada e reagido com a "Santa Inquisição" e os "autos-da-fé".

É costume comum do marxismo acusar a religião como um sistema de idéias fictícias e abstratas com a finalidade de justificar a exploração dos pobres pelos ricos. Essa acusação, além de injusta, cai no irracionalismo, ao pretender definir uma religião ou um sistema de pensamento religioso, pela pouca ou nenhuma prática de alguns dos seguidores do referido grupo, esquecendo-se proposadamente de se considerar o número imenso maior de fiéis praticantes e das benéficas obras que as religiões semearam pela Terra inteira.

Esse preconceito religioso, cheio de mistério e maldade, é muito mais um reflexo do ódio gerado pelo marxismo em virtude de sua frustração do que uma, ainda que parcial, porção mínima de verdade.

Por outro lado, os erros de católicos medievais não invalidam o Cristianismo, a ideologia sobre a

qual se deveriam pautar, uma vez que os erros cometidos não se acham descritos nos ensinamentos cristãos originais. Sendo, por isso, responsabilidades únicas e total dos homens que os praticaram. O mesmo se poderia dizer de todas as outras religiões.

O Sistema Heliocêntrico - Aristarco (320 - 250 a.C.)

Da mesma forma que o geocentrismo de Hiparco, o Helenismo inspirou um outro filósofo e astrônomo a pensar de uma forma inteiramente distinta daquela: o Heliocentrismo. O seu primeiro defensor está representado pelo filósofo e astrônomo grego, Aristarco.

A hipótese heliocêntrica de Aristarco era revolucionária demais para os estudiosos de sua época. Defendeu ele as idéias de que o Sol era o centro do sistema e que eram os planetas que giravam ao seu redor. Aristarco concluiu nos seus estudos sobre os diâmetros dos astros que a dimensão do Sol era bem maior que a da Terra e, logicamente, que era bem mais plausível que o menor girasse em torno do maior. Baseando-se nessa observação, desenvolveu todo o seu pensamento. As idéias de Aristarco foram rejeitadas e ele chegou a ser ameaçado de atentar contra os deuses. Não fossem as citações de Arquimedes, suas idéias talvez não tivessem sobrevivido. Como pudemos observar, foi no Helenismo a fonte original dos dois principais sistemas de idéias acerca da relação dos planetas com o Sol e do movimento planetário, aceitos na época, como círculos perfeitos.

Copérnico e o Renascimento do Heliocentrismo

O século XVI (notadamente a partir de 1517), assistiu a um acontecimento histórico dos mais extraordinários. Literalmente, o Helenismo, há tantos séculos semi-adormecido, parecia estar a despertar! Todas as idéias do Helenismo começaram a vir à tona e, curiosamente, começaram a ser contestadas. Esse fenômeno, a partir das antigas idéias helênicas, deu origem aos fundamentos da Ciência moderna e contemporânea. Em meio ao fervor dos conhecimentos que despontavam, haveria também de se trazer à tona a questão astronômica. Naturalmente, haveriam de surgir os personagens correspondentes a cada um dos antigos pontos de vista - Geocêntrico e Heliocêntrico. Tais personagens corresponderiam a Ptolomeu e a Aristarco, respectivamente. E confirmando esse ponto de vista, os personagens, de fato apareceram. Um deles chamava-se Regiomontanus (1436 - 1476 - alemão).

Regiomontanus foi um dos mais famosos cientistas do século XV e um dos mais ardorosos defensores da Teoria Geocêntrica. Para ele, a idéia de que a Terra se movia, era tão absurda que, se isto ocorresse, os pássaros seriam soprados para longe, as nuvens seriam deixadas para trás e as casas desmoronariam. Sua fama cresceu tanto, que ele chegou a ser chamado a Roma pelo Papa Sixto IV para ajudar a Igreja a reformar o calendário Juliano. Por outro lado, haveria de surgir também o personagem correspondente a Aristarco. Chamava-se Nicolau Copérnico (1473-1543 - polonês).

Copérnico interessou-se pela astronomia após ter lido os trabalhos de Regiomontanus. Seu interesse intensificou-se quando ele compareceu a uma conferência para tratar da reforma do calendário.

O sistema geocêntrico, pareceu-lhe ineficaz para prever com exatidão as posições dos planetas. Mesmo as tabelas o pouco aperfeiçoadas por Regiomontanus, eram insuficientes. Em 1507, ocorreu a Copérnico que as tabelas planetárias poderiam ser calculadas mais facilmente admitindo-se o Sol, ao invés da Terra, como o centro do Universo. Copérnico, a partir de 1512, começou a desenvolver o seu sistema com rigor matemático (e não apenas como sugestão filosófica), para demonstrar que as posições dos planetas podiam ser muito melhor calculadas, com o seu novo modelo. Tudo foi tão claramente explicado pelo Sistema de Copérnico, que se tornou muito tentador considerá-lo mais do que um simples dispositivo destinado a calcular as posições dos planetas. Talvez ele descrevesse a situação real do Universo!

Apolônio (261 - 190 a.C.) e Tycho Brahe (1546 - 1601 - dinamarquês)

Estes dois astrônomos, um do Helenismo - Apolônio - e o outro da Renascença - Tycho Brahe - não poderiam deixar de ser aqui mencionados. Ambos tentaram estabelecer relações entre os dois

sistemas no sentido de unificá-los em um único sistema, ambos sem sucesso algum. Apolônio tentou conciliar as hipóteses de Aristarco e de Ptolomeu, supondo que os planetas pudessem girar em torno do Sol e que o Sol, com seus planetas, pudesse girar em torno da Terra. Dezoito séculos depois, Tycho Brahe, em seu livro sobre os cometas publicado em 1583, tentou estabelecer vínculos entre as duas hipóteses, sugerindo que todos os planetas, menos a Terra, giravam em torno do Sol e que este, com seu cortejo de planetas, orbitava ao redor do globo terrestre. Suas idéias, assim como as de Apolônio, foram rejeitadas por falta de argumentos convincentes e provas reais. Por que as tentativas de Apolônio e de Brahe fracassaram em unificar os dois sistemas? É exatamente sobre essa questão que este tratado versará.

Apolônio e Brahe tentaram unificar os dois sistemas de um ponto de vista físico. Ambos, provavelmente, perceberam a importância da Terra e do Sol, e tentaram encontrar uma forma de não subestimar o valor nem de um nem do outro. Porém, foram infelizes, por não perceberem a diferença quanto à natureza da importância de cada um dos dois centros. Discutiremos sobre essa questão, agora.

O Sistema Bicêntrico

Uma das mais importantes leis enunciadas pelo Unificacionismo é a Lei do Domínio pelo Centro. Cada coisa no Universo, qualquer que seja, tem um centro. Por exemplo, o centro do átomo é o seu núcleo; o centro da célula é o seu núcleo celular; o centro do sistema solar é o Sol; o centro da família são os pais; e o centro da Terra? Em que se constitui ou quem é? Evidentemente, o Homem. Porém, note bem, não se trata de um centro espacial, mas de um Centro de Domínio de importância e valor.

Eis por que para os pensadores em questão, foi-lhes impossível unificar os dois sistemas. Eles queriam unir dois centros físicos em apenas um! Na realidade, o nosso sistema planetário possui, de fato, dois centros. Porém, de naturezas distintas. Um centro espacial - o Sol - e um centro de Domínio - o Homem! Desse ponto de vista, está correta a religião ao defender a opinião de que o Homem é o centro do sistema, e está correta a Ciência ao afirmar que o centro do sistema é o Sol. Verdaderamente nós existimos em um sistema bicêntrico! Negar a importância da presença do Homem e do domínio que ele exerce soberano no sistema é grave erro, no qual a ciência atual não pode mais esbarrar! Tal questão torna-se ainda mais importante quando, tudo o mais somente tem sentido quando tomado em relação ao Homem e voltado para o seu bem-estar no sistema. Naturalmente, dentre esses dois centros, o Homem é o mais importante. É para ele que se voltam as atenções e é ele o elemento central, ao redor do qual "giram" todas as coisas no sistema. Por que isto é assim?

O Unificacionismo e a Lei da Dualidade

Mais uma vez é no Unificacionismo que encontramos a resposta. A Lei da Dualidade é uma das mais gerais e importantes leis do Unificacionismo. Segundo essa lei, todo o universo é constituído de seres duais distintos e complementares, em constante movimento harmonioso entre si. Nada pode existir sem uma relação de complementariedade com uma outra coisa. Por exemplo: masculino e feminino, macho e fêmea, estame e pistilo, mar e terra, montanha e vale, dia e noite, Governo e Povo, cidade e campo, professor e aluno, pais e filhos e... Sol e Terra! Assim, o Sol e a Terra formam uma unidade dual unificada em que um é o que dá sentido à existência do outro! Para que o Sol se não existisse a Terra? O Sol, além de fonte de vida, é também fonte de luminosidade. Ele ilumina as cores e as formas as quais somente o Homem compreende e valoriza. A esses pares distintos e complementares, o Unificacionismo denomina de sujeito e objeto, e ao movimento estabelecido por eles entre si mesmos, de Ação de Dar e Receber. Nesse movimento, a posição central é ocupada pelo sujeito e a posição periférica, pelo objeto. Por exemplo: o elétron gira em torno do próton, a Terra em torno do Sol... etc.

Assim, do ponto de vista físico, o Sol é o centro do Sistema.

Mas do ponto de vista de importância, a Terra é o centro, por conter o elemento vivo racional e emocional que constitui o único sentido da existência do conjunto. O núcleo de importância central do Sistema!

CURIOSIDADE

O paraíso albanês

Prof. Camilo Costa - ex-tradutor diplomático.

Da próxima vez que você estiver preso num engarrafamento de trânsito, pense na Albânia. Albânia!? Não fica ao norte da Mongólia ou a leste da Transilvânia? Não! Na realidade, a montanhosa zona campestre da Albânia fica entre a Iugoslávia, a Grécia e o Mar Adriático... um lindo bosque, mais ou menos com 350km de comprimento e 200km de largura, e uma população de apenas 2,5 milhões de habitantes. A capital é Tirana, com 200 mil pessoas.

Mas por que pensar na Albânia em trânsito engarrafado? Porque a Albânia é um dos países que possuem o menor número de automóveis em todo o mundo: um verdadeiro paraíso para os pedestres! Quando os albaneses dirigem alguma coisa, é um carro de boi ou uma bicicleta. No mais das vezes, "dirigem" apenas seus sapatos (quando os têm).

Mas além das ruas vazias, existem mais coisas na Albânia "paradisiaca". De acordo com o Partido Comunista, a Albânia é um paraíso para trabalhadores e camponeses.

Caso o leitor (ou leitora) esteja atraído por essas coisas, a Albânia pode ser um lugar "indicado" para se ver. Mas há um detalhe: lá não se entra facilmente. Cidadão americano, nem sonhando! Quanto aos canadenses, europeus e latinoamericanos, esses podem dar uma "olhadinha" no "Paraíso Albanês", porém todos os turistas têm de observar as seguintes instruções (rigidíssimas):

1. Não é permitido o uso de "blue-jeans" (comece a encomendar uns terninhos).
2. Não é permitida música popular (cuidado ao assobiar o seu sucesso predileto).

3. Não são tolerados homens barbudos ou cabeludos (se você é tecnocrata de barbichinha, prepare-se para um encontro "caloroso" com um barbeiro já no aeroporto. Se você não tem nem barba nem cabelo longo, uma ajustada na costeleta vai deixá-lo mais "turistável" para visitar o "paraíso" socialista na Terra).

4. Não são permitidos passeios ou viagens por bel-prazer! (Assim, se você quer dar uma turistada no "paraíso", melhor arrumar um bom álibi. Permitem-se turistas, só que é proibido passear! Durma-se com mais essa!)

5. Não se permite, de forma alguma, passear em ônibus públicos, nem em trens (será que de asadelta eles deixam? Uma sugestão é você levar um patinete na bagagem).

6. O "turista" deverá manter-se em ônibus especialmente designado (bem, talvez eles deixem sair dessa prisão motorizada pelo menos para dormir etc...)

7. O intruso, que eles chamam de turista, deverá hospedar-se em hotel especial para turistas (será que não há grades nas janelas? Será que se pode tirar fotos das janelas?)

8. Os intrusos, digo, turistas, só podem utilizar praia cercada, destinada a turistas, no mar Adriático. (Assim, os turistas do mundo todo poderão trocar opiniões sobre o povo "maravilhoso" que lhes abre a porta do paraíso).

Em outras palavras, não há nenhuma confraternização nem contacto com a gente local. Ao entrar no "paraíso", você recebe um guia que lhe diz onde deve e não deve ir, e, para que não haja equívocos, há um aviso na capa: BIBLIAS, ABSOLUTAMENTE NÃO!

Ei! Espere um instante! O que está acontecendo nesse "paraíso" socialista? Por que não se pode falar com ninguém?

Essas perguntas estão sendo respondidas por todos aqueles que visitam a Albânia, e as respostas formam um quadro cruel de desespero. Ali, até Deus é barrado! - Em 1967, a Albânia declarou-se o "primeiro Estado Ateísta do mundo". De uma vez por todas, o líder mão-de-ferro do Partido Comunista Albanês, Enver Hoxha, determinou que o país se livrasse da religião. Hoxha rompeu relações com a Rússia há 9 anos, retirando-se do Pacto de Varsóvia, alegando que o comunismo era "muito mole".

Hoxha decidiu ir mais adiante, transformando a Albânia num Estado Ateísta. A constituição albanesa é clara a esse respeito: "O Estado não reconhece a religião... É proibido fundar-se qualquer organização de caráter religioso." Da mesma forma, "são proibidas as atividades religiosas e a propaganda de religião".

A Albânia tornou-se o único país do mundo onde a religião é totalmente proibida. Na Albânia, os cidadãos foram convocados para ir às urnas em consulta nacional, a fim de votar a favor ou contra a Pessoa de Deus em sua nação. O resultado foi anunciado pelo Chefe de Estado, sr. Enver Hoxha, com as seguintes palavras: "Nosso povo votou que Deus está fora de nossa terra."

Realmente, Deus não está na Albânia! Ali, gente boa não entra! Não deixa de ser um "paraíso"... para quem quer sentir de perto o poder de Satanás!

SABEDORIA

O despertar da consciência

A.A.S.

O despertar da consciência é a grandeza da alma.

O arrependimento é uma lei complacente e misericordiosa. Ela tem longo alcance e abrange tudo. Contrariando o pensamento geral, ela é composta de diversos elementos, cada um indispensável ao completo arrependimento. Isso pode ser abordado com a seguinte definição:

O Verdadeiro arrependimento não é apenas tristeza pelos pecados cometidos e contrição perante Deus, mas envolve a necessidade de nos afastarmos deles, o abandono de todas as práticas e atos malignos, uma completa reforma da vida, uma mudança radical do mal para o bem, do vício para a virtude, das trevas para a luz. Reparar na medida do possível, todos os males que cometemos, pagar nossos débitos e restaurar a Deus e aos homens os direitos que lhes pertencem — aquilo que lhes devemos. Esse é o verdadeiro arrependimento, sendo imprescindível usarmos a vontade e todos os poderes do espírito e corpo para alcançá-lo em toda sua plenitude.

Não existe uma estrada real que conduza ao arrependimento, não há um caminho privilegiado que lese ao perdão. Todo homem deve seguir o mesmo trajeto, seja rico ou pobre, instruído ou iletrado, alto ou baixo, príncipe ou plebeu, rei ou homem do povo. "Porque, para com Deus, não há acepção de pessoas". (Romanos 2,11) — Há um caminho apenas. É uma longa estrada cheia de espinhos, ciladas e problemas e deve estar sempre desimpedida, pois caso contrário as terras más e improdutivas a invadirão outra vez, assim como as florestas têm invadido cidades e áreas outrora cultivadas e cheias de vida.

Antes que muitos elementos do arrependimento possam funcionar, precisa haver o primeiro passo, que é o ponto em que o transgressor conscientemente reconhece seu pecado. Esse é o despertar, a convicção da culpa. Sem esse primeiro passo, não pode existir o verdadeiro arrependimento, pois a pessoa ainda não reconheceu as transgressões que pratica.

Há muitas almas obstinadas demais para

admitir os pecados que cometem, mesmo para si mesmas. Elas não têm escape, têm ainda muito o que aprender. Sobre tais pessoas, Jeremias formula a pergunta: "Porventura envergonham-se de cometer abominação? Pelo contrário, de maneira nenhuma se envergonham, nem tampouco sabem que coisa é envergonhar-se... portanto cairão... (Jeremias 6.15).

Essa falha em reconhecermos nossos erros, nos retarda o progresso e paralisa a nossa vida.

Que progresso pode haver para um homem inconsciente de suas faltas? Ele perdeu o elemento fundamental do progresso, que é a compreensão de que existe algo maior, melhor e mais desejável do que a condição em que se encontra. No terreno da presunção, o verdadeiro crescimento encontra pouca nutrição. Suas raízes dão-se melhor no descontentamento.

Assim que nos conscientizarmos da gravidade do pecado que estamos cometendo, podemos condicionar a mente a seguir um pro-

cesso tal que nos livre dos seus efeitos perniciosos.

Não se pode enganar a consciência. Para evitar o desagradável reconhecimento dos próprios pecados, muitos racionalizam. Alguns culpam a Deus e suas leis pelas desgraças que lhes sucedem, e eliminando Deus e a Igreja de suas vidas, parecem sentir-se aliviados. Porém, racionalizar e subestimar os pecados, evidencia desconsideração ou ignorância das Escrituras e dos planos de Deus, pois Samuel disse: "E, se credes em seu nome, vós vos arrependereis de todos os vossos pecados, para que desse modo alcancéis a sua remissão, por meio dos méritos dele." Racionalizar é descer os ideais ao nível da conduta individual. Arrepende-se é elevar a própria conduta ao nível dos ideais que se sabe serem verdadeiros e valiosos.

Por mais que os lábios possam negar o pecado, é difícil escapar às acusações da consciência. Muitas vezes nós dizemos: "Eu não fiz nada errado", quando na realidade estávamos profundamente mergulhados em transgressões que ainda não havíamos classificado como tais.

EXPERIÊNCIA

O colapso mundial

Camilo Roberto F. C. Costa

Esse colapso quase universal que se observa tanto na vida dos indivíduos como na das comunidades e nações tem sua raiz na falta de confiança interior. Os homens não têm certeza de que suas realizações têm apoio cósmico, e tal sentimento grava em seus espíritos um caráter de hesitação. Pode-se dizer que algo se rompeu e deixou a vida como que suspensa no ar, em desordem.

O ideal cristão, que se revelou como o cimento que manteve unida a civilização, trincou e partiu-se em muitas mentalidades. Desse modo, o mundo já não tem direção, pois não tem alvo. Quando Deus não está à nossa frente, perdemos o alvo, e a Vida morre em nossas mãos.

Quando a vida não tem horizontes largos e amplos, o presente se amesquinha, uma vez que não possui nada que a motive e a impulsiona. Muitas pessoas conseguem perceber que são prisioneiras do momento que passa e desejam respirar algo que tenha um significado mais poderoso, mais invisível e mais eterno.

Schopenhauer, filósofo e apóstolo do pessimismo, jogou-se certa vez num banco de jardim e permaneceu em profundas cogitações. Um policial, pensando tratar-se de um vadio, perguntou-lhe o que estava fazendo ali. Admirando-se da pergunta, respondeu calmamente: "É justamente isso o que eu queria saber!" Schopenhauer não possuía nada que lhe desse o sentido da vida, e isso o tornava um pessimista convicto. Faltava-lhe o significado para a vida em sua totalidade, individual e coletiva. Faltava-lhe a fé.

Nossa fé deve ser alguma coisa concreta. Ela deve controlar a totalidade da vida. Ela não pode ser apenas UM caminho, mas temos que ser O caminho. Ela deve ser o único caminho para tudo, para todos, em todos os lugares e em qualquer circunstância, pois a vida deve ser uma só peça, um todo. Deve ter significação total, caso contrário acabará em desordem total.

O colapso que se observa hoje nos indivíduos é causado pelo colapso de seu estado interior. Tudo se parte porque a vida não possui um "cimento" que a mantenha coesa. Pessoas marcadas pela tristeza, pela desesperança e pela decepção com toda certeza acabam-se esfacelando. Elas não conseguem enfrentar a vida, nem sabem como vivê-la.

Veja, por exemplo, o aumento assustador verificado nas doenças nervosas. Li, recentemente, que mais da metade dos leitos de hospital estão ocupados por pessoas que sofrem de doenças nervosas e mentais. A despeito com esses doentes atinje somas anuais astronômicas. Isso para não falar naqueles que nunca entraram num hospital e arrastam por aí, alguns já vencidos e outros em guerra consigo mesmos. São pessoas semivivas, pessoas que desfrutam no máximo 50% da vida. Carregando seus conflitos interiores, acabam-se aniquilando.

Um médico que conheci disse-me certa vez o se-

guinte: "A coisa está indo de mal a pior. Oitenta por cento dos que vão ao meu consultório não têm nenhuma doença orgânica. Sofrem, sim, de doenças mentais e espirituais. Vivem transferindo as doenças de suas mentes e almas para os seus corpos."

Nos negócios internacionais, perdemos de vista o Grande Designio, esse modelo total no qual deve ser moldada a vida em sua inteireza. É por isso que o homem vive de um lado para o outro, de oportunismo em oportunismo. As nações passam o tempo a remendar a paz, que é mais uma colcha de retalhos feita de expedientes e conveniências.

Alguém já disse que "viver é loucura". Sim, ela só é loucura porque é confusão. NADA VEMOS porque perdemos de vista (ou ainda não achamos) a "Luz Principal de toda a nossa vida". Dos tempos em que estive na aviação comercial, como comissário de voo, no início dos anos setenta, lembro-me de estarmos certa vez perdidos em plena selva amazônica. Tínhamos pane de radar e de pressurização e aproximava-se o pôr-do-sol. A sensação de estar perdido foi terrível, indescritível. Imediatamente sobreveio a crise de autoridade na tripulação técnica. Veio a CONFUSÃO. O comandante, confuso, discutia com seu piloto, que propunha solução diferente da sua. Senti no fundo da alma como é aterrador perder o rumo e o caminho. Senti-me como se estivesse "doente por dentro". Da mesma forma, os homens hoje se sentem mental, espiritual e fisicamente doentes, pois sabem que estão PERDIDOS. Não têm certeza do rumo. A humanidade está "doente por dentro". Muitos, cômicos de sua situação miserável, procuram encontrar o caminho através de experiências cotidianas. Já se disse que "existe apenas uma doença: a saudade do lar original, a nostalgia". Essa é a maior doença, a doença que corrói a humanidade "por dentro". O homem de hoje sabe que está com o pé em duas canoas: um no tempo que corre e outro na eternidade. Tem medo do tempo que passa e mais ainda da eternidade. Tem medo porque não consegue UNIR as duas coisas. Algo está errado na base. O que será? Somente isso: o homem de hoje não tem consciência de estar no Rumo. Vaga sem um ideal, sem uma ideologia, sem uma fé. Voa sem bússola e sem radar... Não tem voz de comando... Poderíamos suportar tudo, se tivéssemos a certeza de estarmos no Rumo Certo. Essa certeza deve ser como um seguro de vida. Deve ser totalmente verificável, como a Lei da Gravidade. Deve ser algo que se possa sentir como o coração percebe o amor. É mister, portanto, que iniciemos a nossa busca imediatamente. Para começar, precisamos apenas da VONTADE de começar. Esta será a grande conquista do Homem no século XX: não a conquista espacial, mas a conquista de si mesmo, da certeza interior, do Rumo Certo, da Bússola Universal, da Vida Plena. Só então o Homem voará com segurança rumo ao seu verdadeiro Destino. Quem nasceu para voar não deve rastejar...

Família: o coração do mundo



"Leve uma gota de pureza para seu lar"

Adquira a Revista "Família Mundial", nas principais bancas da cidade de São Paulo, ou faça seu pedido para Caixa Postal n.º 15.123 - Envie junto ao pedido cheque nominal à AILPA Cr\$ 1.000,00

Faça a sua Publicidade

Preços especiais
Anuncie no "Tribuna Universitária"
Circulação Mensal, Nacional
Para informações,
reservas e preços, consulte-nos:

AILPA - Cx. Postal 15.123

José Albuquerque de Almeida F.º

Cirurgião Dentista

Av. Lins de Vasconcelos, 1.251
Cambuci - fone 279-4891
Tardes e Manhãs

和高麗人蔘茶

Os efeitos
medicinais do
Ginseng Coreano



Importadora IL HWA do Brasil Ltda.
Vendas: DROGARIA LIBERDADE LTDA.
CEP 01512 - Rua Conde de Sarzedas, 354 - Liberdade
Tel.: 279-9175 SÃO PAULO - SP



LIÇÕES DA HISTÓRIA

“A voz do povo”

A grande piada

M. R. F. - São Paulo

O cúmulo do ridículo é a conhecida frase que diz que a voz do povo é a voz de Deus. Aparece até em televisão, para induzir o povo a comprar um produto que, segundo a propaganda, já está eleito. O mundo, desde que habitado por humanos, sofre de uma grave doença e tem nos dias atuais sua fase aguda, que é a mentira. Sim, porque a voz do povo NUNCA foi a voz de Deus, em nenhum momento da história. A verdade é que a voz do povo é o resultado da indução de grupos com interesses específicos. Sempre foi assim, e infelizmente, a maioria destes grupos teve intenções destrutivas. Raros foram os grupos que procuraram esclarecer o povo, já que a maioria procura confundir para induzi-lo a seus interesses e, assim, a voz do povo não é a voz de Deus, porque Deus não pode gerar confusão. Há dois mil anos atrás, o povo gritou: “Crucifiquem Jesus!”. Era esta a voz de Deus? Não! Era a voz resultada da inculção por alguns grupos. Na história encontramos muitos outros exemplos.

A voz do povo NÃO é a voz de Deus, e por detrás dos homens que confundem para induzir, estão as forças do mal. E quando o povo está bem induzido a favor de seus interesses, surge a grande piada: “eleições diretas, já”. Há dois mil anos atrás, Pôncio Pilatos democraticamente fez um plebiscito em público, perguntando ao povo (induzido): “Quem quereis que eu solte? Jesus ou Barrabás?” Ora, democraticamente o povo estava lá, a votar numa eleição diretíssima já! Não precisamos contar o resultado desta funesta



Não é sintomático que há dois mil anos atrás Pôncio Pilatos, democraticamente, fez um plebiscito em público perguntando ao povo (induzido): “Quem quereis que eu solte? Jesus ou Barrabás?” E o povo estava lá, a votar numa eleição diretíssima — e acabaram matando um homem inocente. O que poderia ter acontecido hoje caso as eleições diretas se repetissem?

eleição feita por um povo induzido pelos interesses de alguns líderes receosos de perderem seus poderes para um novo líder com novas idéias. Confundir e induzir o povo, para usá-lo através de eleições diretas já, é o cúmulo do desrespeito.

Mas há um ditado popular que diz “não se atiram pedras em árvores que dão maus frutos”. Agora é só observar quem são os que jogam e quem são os que recebem as pedradas. É claríssimo, basta retirar a venda dos olhos e parar de repetir as ladainhas dos atiradores de pedras. Há ainda outro dito popular que diz que o ladrão foge da cadeia e grita “pega-ladrão”, para desviar a atenção sobre si mesmo.

Concluiremos assim, que era preciso matar dois problemas com uma “eleição direta já”, ou seja, desviar a atenção do povo de suas incompetências e, o que é mais importante, agir de forma a concretizar uma velha intenção: destruir o nosso sistema e implantar o Comunismo Ateu. Sabemos quem são estes que pregam Democracia, quando o que pretendem é destruí-la. Alguns sempre se declararam e outros são as “raposas velhas”, alguns em via de caduque (como os da Rússia), que desde a década de trinta estão sempre enganando o povo com suas ladainhas falsas e empáticas. E se são estes o tipo de gente que confundem e induzem o povo, então confirmamos: a voz do povo NÃO é a voz de Deus, pelo contrário. Mas ainda há tempo de o povo livrar-se da corja que pretende escravizá-lo. Diretas já...Era!

DEBATE

De onde vem a teoria

Cesar Zaduski - Engenharia mecânica - Unisinos - RS

Temos lido livros, artigos e trabalhos que nos procuram informar e colocar à nossa apreciação teorias que analisam a situação atual e o passado propondo mudanças, que no entender dos autores, conduziriam o homem a um reencontro com o seu eu interior ainda insatisfeito.

Causa-nos um certo temor a constatação de que na maioria dos casos os autores não propõem alternativas ideológicas válidas dentro de um contexto global, se não vejamos.

Existe a corrente do materialismo que insiste em que a solução total virá de uma mudança social material, a partir da qual todos os problemas serão como que milagrosamente resolvidos. Acreditam apaixonadamente que Marx estava essencialmente certo e que as discrepâncias se devem a erros da aplicação.

Como todo fanatismo, o comunismo apaixonado, levando à cegueira seus defensores que se esquecem de verificar os postulados básicos incorrendo assim em erro primário. Se ocupam demasiadamente com a pintura externa e o estado de conservação, tentando com isto vencer as rachaduras que partem da estrutura subterrânea.

Todo edifício marxista está sustentado pela dialética, a qual se ocupa em analisar a causa da “evolução” do universo, ou seja, seu movimento. No entanto a dialética tem se mostrado incompatível com a realidade física e biológica, portanto obsoleta.

Se a dialética marxista é falha, todo marxismo é incongruente.

Isto sem tocar no assunto da Teoria de Valor do Trabalho, com a famosa dedução da mais-valia. A qual se fosse verdadeira há muito teria levado os países do leste a incomparável riqueza. É possível demonstrar hoje tanto na teoria quanto na prática que a teoria econômica do “socialismo científico” é desprovido de qualquer fundamento sólido.

Apenas uma teoria buscando levar às massas uma justificativa para a revolta, e daí à revolução.

Os defensores do capitalismo há muito deixaram de fundamentar seus postulados em verdades cristãs, ou seja, a essência ética religiosa que poderia permitir alguma crítica moral à busca do lucro pelo lucro, foi totalmente abandonada, restando em seu lugar um vazio ideológico insustentável; visto que o ser humano, por essência religioso, não pode ser saciado apenas com objetos materiais (idolatrados nas sociedades de consumo).

É bem verdade que certas religiões ou facções religiosas defenderam a exploração selvagem e a permanência no poder das classes então dominantes.

Contudo não podemos nos deixar levar pelo radicalismo ingênuo passando a acreditar que o erro de alguns implica na condenação de todos, ou seja, crer que toda a religião é má e instrumento de opressão.

A vida diária nas sociedades ocidentais mostra uma tendência subliminar quase irresistível

à deificação do consumo. Levando-nos ao absurdo de crer que o ter é mais importante que o ser.

No ocidente não há um padrão de valor; a ideologia é “a propaganda é a alma do negócio”.

Dentro deste quadro lúgubre, poderíamos dizer que nas sociedades capitalistas se tem como maior crime do comunismo, o fato de impedir as pessoas de possuir o que querem, seja pela falta de recursos ou pela inviabilidade ideológica. Ou seja, as pessoas lá são infelizes porque não podem “ter”. O que para o consumidor comum, é algo bem pior do que a excomunhão era para o europeu da idade média.

Vemos portanto que a essência que motiva muitos ocidentais a criticar os regimes totalitários do leste europeu, é um sentimento puramente material, desprovido de qualquer humanismo ou sentimento superior. Tornando-se por isso a crítica infrutífera, porque desprovida de verdade que transcenda a vulnerável esfera capitalista.

Já a crítica materialista, e mais especificamente marxista, aos regimes ocidentais, quase sempre vem envolta em um tempero de ressentimento e ódio que a torna difícil de digerir àqueles que estão com o estômago acostumado ao paladar suavemente tentador da propaganda ocidental.

Não se trata da crítica oriunda dos países “socialistas”, mesmo aquela que nasce dentro

de nossas fronteiras, quando fundamentada no marxismo que induz ao ressentimento de classe e à destruição total do “establishment”, traz consigo, como diria Marx “o germe de sua própria destruição”; pois os líderes ocidentais não estão dispostos a acreditar nas boas intenções de quem prega uma revolução violenta, contra um sistema que “apesar dos pesares” produz riquezas tecnológicas a uma velocidade espantosa.

Ficamos por tudo isso diante de um impasse, porque nos parece que a motivação tanto de um lado quanto de outro é injustificável, portanto inaceitável.

Nos compete procurar críticas ou proposições que partam de pessoas ou setores não comprometidos, isto é, que não tragam em seu seio o indesejável sabor de vingança ou o cheiro da justificativa egocêntrica.

Neste trabalho não nos propomos a mostrar alternativas. Apenas alertar contra possíveis superficialidades que levariam inocentes a sair da panela e cair no fogo. No entanto alternativas viáveis já existem.

O importante é frizar que por melhores que sejam os argumentos, são os sentimentos na raiz deles que denunciam a intenção do autor. Um livro não é bom por sua capa ou pela linguagem que utiliza mas pelo conteúdo. Uma refeição não é boa pelo que deixa na língua ou no nariz mas sim pelo conteúdo que fica no estômago e produz efeitos por todo o corpo.

ATUALIDADE

A guerra civil na PUC/SP

Roberto Solimem - líder estudantil

Foi-se o tempo em que se participava do Movimento Estudantil com o intuito primeiro de se "representar aos estudantes", sendo porta-voz de seus interesses acadêmicos junto às autoridades educacionais.

Hoje, como o Movimento Estudantil se reduziu a um primeiro "Teatro de Operações" da Esquerda Revolucionária, onde suas tendências renovam seus quadros, fazer política estudantil não-marxista tornou-se privilégio de poucos corajosos, que ousam dizer NÃO para a subversão, arriscando sua integridade física e moral.

É preciso que todos se conscientizem de que a Esquerda busca usurpar o Poder, usando para isto métodos violentos que, taticamente, podem ser dissimulados em ações de guerra política.

A guerra política, empregada pela esquerda, com o objetivo de impor ao Brasil um regime comunista vinculado a governos estrangeiros, é um tipo de guerra destinado a superar os obstáculos contrários à revolução marxista, por eles propagada, com o objetivo de cumprir com os ideais da subversão. Esta guerra política substitui a guerra convencional em tempos de paz, sendo composta por elementos políticos-revolucionários, econômicos, psicológicos e, finalmente, militares.

É uma guerra ideológica, destinada ao extermínio sistemático de tudo o que é anti-marxista. Ela tem por fim enfraquecer a fé dos não-comunistas, destruindo sua vontade de luta, e busca o apoio das massas através da inversão dos valores, dissimulada em "evolução social das idéias".

Os mais ingênuos devem estar-se perguntando "porque guerra", afinal?

Não é radicalizar a matéria, afirmar-se que, de fato, há uma guerra ideológica invisível se desenvolvendo no Brasil neste exato momento. E não é somente no Brasil que tal catástrofe está ocorrendo, mas no mundo todo. A guerra política é o primeiro passo, antecedendo a guerra convencional, como se desenvolveu na Nicarágua, em Cuba, no Chile de Allende, no Afeganistão, e outras nações.

Em El Salvador, hoje, há uma guerra civil voraz matando aos milhares.

O Movimento Comunista Internacional, cujo objetivo fundamental é conquistar mais países satélites para servir à "Matriz Moscovita", desenvolve em todo o mundo uma estratégia militar imperialista. Para os marxistas, de todas as colorações, o mundo estará em guerra até que o último país livre da Terra se renda ao Comunismo Internacional.

Dessa forma, a "Matriz Moscovita", ou mesmo algumas filiais de menor importância, como Pequim, Albânia e outras, montam, equipam e subvencionam Quintas-Colunas em todos os países do Mundo, através dos Partidos Comunistas locais. Estes se organizam e se desenvolvem, crescem e se infiltram por todas as partes, baseando-se no princípio fundamental de que TODOS AQUELES QUE NÃO ESTÃO SOB O COMANDO DO PARTIDO COMUNISTA NÃO DEVERÃO SOBREVIVER QUANDO O PODER POLÍTICO E ECONÔMICO ESTIVER DISTRIBUÍDO PELO ESTADO REVOLUCIONÁRIO COMUNISTA.

Assim, enquanto os Comunistas não dominarem ao Estado totalmente, eles agirão disfarçados e aceitarão dividir o poder. Cada vez mais próximos do poder, mais assumirão "serem comunistas". Recordemos: não haviam comunistas há dez anos atrás; posteriormente, após a Anistia, já se assistiam manifestações de apoio àqueles que lutaram pela subversão, e, mais recentemente, na época pré-eleitoral, por volta de 1981, criaram-se os "comitês pela reorganização" dos PCB, PC do B, MR-8 e outros. Vencidas as eleições em alguns Estados da União, em 1982, os Partidos Comunistas (participantes na "Frente Política"), que já se reuniam abertamente, passaram a emitir notas oficiais, a realizar shows, a fazer parte dos governos estaduais, a fazer comícios, e tornou-se público que, mesmo não existindo de direito, possuíam representantes no Legislativo, como ALBERTO GOLDMAN e ANTONIO RESK do PCB, AURÉ-

LIO PERES do PC do B e AIRTON SOARES e MATARAZZO SUPPLY, TROTSKISTAS.

A subversão cresceu e se desenvolveu sob a sombra da fraqueza do governo e da sociedade como um todo, que se desintegra pela corrupção e inversão dos valores morais.

Usaram da juventude, como renovação de quadros, fazendo com que o Movimento Estudantil se resumisse a uma Escola Primária da Subversão, produzido em série Mini Stalins e Trotskis.

Quem vai até a PUC/SP irá assistir um triste espetáculo, onde os personagens lembram a KOMSOMOL (Juventude Comunista da URSS), ou mesmo a Juventude Hitlerista. São uma turba de toxicômanos agressivos, que, durante 24 horas por dia, vivem realizando patrulhamento ideológico, repetindo mecanicamente as mesmas "palavras de ordem" de sempre.

Agora, cumprindo a estratégia militar de conquista imperialista, as lideranças comunistas instruem aos "herdeiros de Lênin" para iniciarem, dentro da Universidade, a segunda fase da guerra política que evoluirá para uma guerra convencional. Daí, as milícias comunistas universitárias, que respondem pelos nomes de VIRAÇÃO (ligada ao PC do B), VOZ DA UNIDADE (PCB), ALICERCE DA JUVENTUDE SOCIALISTA (trotskista), entre outras, andarem portando impunemente ARMAS DE FOGO dentro dos campus com o objetivo de ameaçar àqueles que resistem ao marxismo e lutam pela democracia ocidental.

Isto está acontecendo na PUC/SP, onde a Esquerda está ameaçando a integridade física da Diretoria do CA Leão XIII, através de pressão que se realiza por meio de ameaças.

Corre informação de que as tendências comunistas se preparam para invadir a sede daquele Centro Acadêmico com o objetivo de destruir fisicamente qualquer resistência anticomunista. Confirma-se tal versão, pois diretores de outros CA's da PUC/SP participaram de reuniões realizadas durante os meses de janeiro, fevereiro e março, na própria PUC/SP e com participação de li-

deranças da subversão em São Paulo, onde o assunto debatido era o Único Foco de Resistência Democrática - o Centro Acadêmico Leão XIII. Estes diretores, que não gostaram da idéia da violência mortal, trouxeram tal informação.

Então, não foi à toa que elementos criminosos, procurados pela polícia paulista, como, por exemplo, o conhecido pela alcunha de "Ratinho", ameaçou com revólver em punho ao presidente daquela entidade, o estudante Sérgio Marques. Todos sabem da vinculação desse criminoso com os grupos da subversão na PUC/SP, inclusive a própria direção da Universidade, que nunca toma providência para livrar a Comunidade da PUC/SP de gente como "Ratinho". O próprio vice-reitor, PADRE EDÊNIO VALE, afirmou textualmente, durante ato de violência perpetrado pela ESQUERDA REVOLUCIONÁRIA contra o mesmo CA Leão XIII, em 24.3.1983, quando pelos mesmos motivos a subversão tentou, sem êxito, eliminar fisicamente a resistência anticomunista da PUC, invadindo e destruindo as dependências daquele CA, "que o povo esquecerá rapidamente", qualquer morte de estudante que ocorrer por motivos ideológicos.

A afirmação do PADRE EDÊNIO VALE foi feita perante treze estudantes, que naquele instante se encontravam presos e ameaçados de morte, dentro do Ca Leão XIII, pelas milícias comunistas, que tentavam, por violência física, destruir o único Centro Acadêmico não-comunista da PUC/SP, e agredir fisicamente aos seus diretores.

Novamente, o Centro Acadêmico Leão XIII se encontra ameaçado de invasão e destruição pela Esquerda Revolucionária.

O meliante "Ratinho", conhecido por praticar assaltos na PUC/SP, traficar tóxicos dentro do Campus, além de ter estuprado estudantes daquela Universidade, continua impune, bem como seus companheiros de subversão.

Os diretores do CA Leão XIII correm risco de serem vítimas de violência física.

É a guerra civil na PUC/SP...

CONCURSO INTERNACIONAL DE MISS E MISTER UNIVERSITÁRIO /84

Será avaliada não somente a "beleza externa", mas também a "beleza interna".

QUALIFICAÇÕES

Jovem universitário com idade entre 18 e 25 anos, de ambos os sexos;
- Falar suficientemente o Inglês;
- Elaborar uma composição escrita em inglês com mais ou menos 1000 palavras, com os seguintes temas: "O Que é a Beleza do Homem?" - "A Juventude na Era da Internacionalização". Além desses, outros temas poderão ser escolhidos.

OBJETIVO DO CONCURSO:

Amizade Internacional!
Este é um concurso feito para estudantes universitários, para promover o mútuo entendimento e intercâmbio cultural, a fim de ordenar e contribuir para com a meta do desenvolvimento cultural e a paz mundial.

PRÊMIOS

A serem definidos. Despesas de viagem e estada totalmente pagas pela A.I.C. - Associação Internacional Cultural.

LOCAL E DATA:

Concurso nacional: São Paulo - Caesar Park Hotel, dia 30 de setembro.
Concurso Internacional: (final) - Tóquio/Japão, dia 18 de dezembro.

IMAGEM DA JUVENTUDE IDEAL:

O propósito deste concurso é avaliar a intensidade da quebra do padrão moral, individual e familiar, apresentando uma imagem alternativa do modelo ideal de estudante universitário para a nossa época.

INFORMAÇÕES: fone 914-9894

Advertisement for the 84 The Mister & Miss University International Beauty Pageant. It features three photos of contestants, a world map showing regional branches, and text describing the competition's purpose and schedule. The text includes: '84 The Mister & Miss University International Beauty Pageant', 'NOT ONLY "EXTERNAL BEAUTY", BUT "INTERNAL BEAUTY" WILL BE EVALUATED', 'Qualification: Any single under-graduate... who is a native-born citizen of the United States...', 'Regional Branches: North America (U.S.A.), Europe, Africa, Asia, Oceania (Japan)', 'THE MR. & MISS UNIVERSITY INTL. BEAUTY PAGEANT COMMITTEE', 'HEAD OFFICE: 103 Gucken Building, 1-10 Nakagoyachō, Shibuya-Ku, Tokyo, 150, Japan, TEL. 33-66-5377', 'BRANCH OFFICE: ...', 'Purpose of this Pageant: International Friendship. This is an international pageant for and by university students to promote further international friendship, mutual understanding and cultural exchange...', 'Schedule: 1984 April: ... August 27: ... September 20: ... December 18: ...'

Advertisement for the 84 The Mister & Miss University International Beauty Pageant. It features a large photo of a woman holding a trophy and text describing the competition's purpose and schedule. The text includes: '84 The Mister & Miss University International Beauty Pageant', 'NOT ONLY "EXTERNAL BEAUTY", BUT "INTERNAL BEAUTY" WILL BE EVALUATED', 'Qualification: Any single under-graduate... who is a native-born citizen of the United States...', 'Regional Branches: North America (U.S.A.), Europe, Africa, Asia, Oceania (Japan)', 'THE MR. & MISS UNIVERSITY INTL. BEAUTY PAGEANT COMMITTEE', 'HEAD OFFICE: 103 Gucken Building, 1-10 Nakagoyachō, Shibuya-Ku, Tokyo, 150, Japan, TEL. 33-66-5377', 'BRANCH OFFICE: ...', 'Purpose of this Pageant: International Friendship. This is an international pageant for and by university students to promote further international friendship, mutual understanding and cultural exchange...', 'Schedule: 1984 April: ... August 27: ... September 20: ... December 18: ...'

UNIFICACIONISMO

Materialismo dialético

Análise, crítica e contraproposta

INTRODUÇÃO

Leszek Kolakowski afirma em seu estudo "Correntes principais no marxismo" que Karl Marx era um filósofo. Essa parece ser uma realidade indiscutível, mas é de fato enganosa. Não podemos entender Marx se tratamos de pensar nele como filósofo no sentido em que o era Platão e Aristóteles. O marxismo não é tanto uma genuína busca de conhecimento e entendimento de como funciona o mundo quanto um intento elaborado para fazer surgir o que Marx sentiu que tinha de ocorrer: uma revolução que destruiria todo o sistema da propriedade privada. Nesse sentido, Marx deixou de ser um filósofo para ser um engenheiro de idéias, arquiteto de uma ideologia.

Marx obteve uma ideologia que tinha basicamente três componentes: 1) uma análise da economia a qual representa um processo, um veredito de culpa e uma sentença de morte para todos os capitalistas; 2) um materialismo dialético que mostra que a ética natural do universo é conflito, destruição e, na vida humana, morte; 3) um materialismo histórico que chama à ação imediata, anuncia um apocalipse, descrevendo esses dias como os dias finais de uma longa história de opressão.

O materialismo dialético é a essência da filosofia comunista. Foi o que Lênin concebeu e moldou para formar o comunismo ou marxismo-leninismo de hoje. Por suposição, a história do pensamento está constituída por uma vasta sucessão de filósofos, e Marx e Engels desenvolveram suas idéias em um específico ambiente filosófico.

A. O MATERIALISMO ANTES DE MARX

O materialismo não nasceu com Marx. É uma área da filosofia que tem existido desde a antiguidade. Pensadores como Thales ou Demócrito postularam uma substância fundamental, seja ar, fogo, água ou átomos.

A ciência do Renascimento e do pós-renascimento concebia o universo como uma máquina extremamente elaborada, e uma vez que foi posta em movimento, todas as circunstâncias futuras foram determinadas. A dinâmica e metafísica dessa época se refletiram na filosofia: a filosofia pós-renascentista tendia a ser mecanicista em sua metafísica.

O materialismo foi utilizado pelos pensadores da Revolução Francesa para justificar os direitos do indivíduo, porque caracterizava a cada pessoa como uma parte essencial da totalidade. No entanto, o materialismo mecanicista provaria ser inapropriado para os propósitos de Marx. Ele o criticou por não ser um materialismo absoluto ou perfeito, que tendia a se voltar para o idealismo, e não podia prover uma explicação atéia para a origem do universo. A existência de uma complexa "máquina" parece sugerir que há um Criador, uma Primeira Causa, que criou o universo e o pôs em movimento. O materialismo mecanicista conduz finalmente a retroceder a mesmo tipo de argumento que fizeram Aristóteles e São Tomás de Aquino com respeito à Causa Primeira ou ao Motor Invisível.

Ademais, esse materialismo carece de uma explicação sobre a aparição e desenvolvimento de novos seres e novas qualidades no universo. Oferece só uma perspectiva estática.

B. A ORIGEM DE DEUS

A prática religiosa tem sido parte da vida humana desde antes do registro da história. A onda de rebelião contra a autoridade da Igreja do Renascimento trouxe consigo um grande esforço para desacreditar a crença em Deus. Feuerbach contribuiu com um conceito-chave na campanha contra a religião. Ele perguntou como surgiu a religião ou a crença em Deus. Se nós vamos considerar a idéia de Deus, temos de considerar também milhões de anos de tradição religiosa. Feuerbach introduziu a idéia de que Deus é uma projeção do que os seres humanos queriam ser. Nós gostaríamos de ser poderosos. Nós gostaríamos de ser totalmente bons. Para

Feuerbach, o ser divino não é mais do que uma projeção do ser humano ideal. E este ideal começou a oprimir seu próprio criador, o homem, e viu a libertação humana em termos de destruir o conceito de Deus e destruir a religião.

No início Marx se viu inspirado pelo materialismo de Feuerbach; mais tarde ele encontrou falhas. Disse que ao procurar uma solução religiosa centralizada no homem, Feuerbach tendia a voltar ao idealismo, já que a solução aos problemas do homem viriam através da exaltação do amor e das virtudes humanas. Este não satisfazia a Marx, porque não tratava a nível estritamente material; criticou-o, qualificando de idealista.

Marx teria que continuar com seus esforços para criar um materialismo absoluto, o qual não tivesse de recorrer ao idealismo nem a Deus. É interessante e irônico que encontrara o mecanismo filosófico para fazer o que considerou o materialismo absoluto na filosofia do filósofo talvez mais idealista de todos os tempos: Hegel. Tal mecanismo foi a dialética.

C. A DIALÉTICA DE HEGEL

Encontramos as raízes da dialética na antiguidade. Fichte desenvolveu os conceitos de tese e antítese. Hegel tomou a dialética e generalizou para toda a história. É conhecida como dialética hegeliana.

Hegel se preocupou com o desenvolvimento da Mente, usando a palavra "geist", que às vezes se traduz como Mente ou Espírito, mas é melhor entendida como Deus. Ele se interessou em como e porque Deus criou e viu tudo relacionado com o desenvolvimento do entendimento e do intelecto.

Marx criticou a filosofia de Hegel em geral, porém salvou a dialética. Tirou da dialética hegeliana a sua estrutura materialista para fazer um perfeito materialismo que não necessitaria fazer referência a Deus.

A dialética hegeliana diz que toda entidade é uma tese que contém dentro de si mesma seu próprio oposto ou contradição. Através dessa relação contraditória de tese a antítese ocorrem novos desenvolvimentos. Mediante a formação da síntese, dá-se um passo adiante no desenvolvimento e na história.

Marx introduziu modificações na dialética hegeliana e a usou em sua análise da sociedade capitalista, e logo expandiu essa análise a toda a história. Deu um novo significado a vários termos de Hegel: para Hegel, "oposto" não tinha tanto significado antagonístico, e "desenvolvimento mediante a contradição" não significava a eliminação ou aniquilamento de uma parte da relação.

II - A DIALÉTICA MARXISTA

A. AS TRÊS LEIS DA DIALÉTICA MARXISTA

O próprio Marx não elaborou sua metafísica. Foi Engels quem articulou a dialética marxista e suas regras nos textos "Anti-Dühring" e "A dialética na natureza". Nesses textos encontramos três leis da dialética marxista.

A primeira é a lei da interpenetração dos opostos. Toda entidade no universo está formada mediante uma união temporária de elementos fundamentalmente opostos e contraditórios.

A segunda se refere ao processo de desenvolvimento; é a chamada transformação de quantidade em qualidade e vice-versa. Afirma que todo tipo de mudança observável no universo é, antes de tudo, uma mudança em quantidade. Essa mudança se transforma em certo ponto numa mudança em qualidade e em forma. Primeiro há uma mudança em quantidade ou grau, logo uma abrupta transformação que produz uma mudança em qualidade.

A terceira é a negação da negação. É uma tentativa de explicar as transformações cíclicas que ocorrem no universo. Segundo essa idéia, toda entidade existe primeiramente como uma afirmação e logo é negada (produz sua própria negação); a negação é negada novamente. Este

produz a afirmação num plano mais alto do desenvolvimento.

B. UM EXEMPLO DAS TRÊS LEIS EM FUNCIONAMENTO: O OVO

Para ilustrar essas três leis, podemos aplicá-las a algo na natureza para ver como operariam. O ovo nos serve de um bom exemplo.

Pode-se dizer que o ovo está formado por dois componentes: a casca e o embrião. A casca seria a tese (na terminologia de Hegel) ou a afirmação (na terminologia de Marx); o embrião contido dentro da casca seria a negação. Segundo a dialética marxista, esses dois elementos existem em contradição, experimentam uma união temporária, porém são fundamentalmente contraditórias e não podem coexistir indefinidamente.

O desenvolvimento começa com uma mudança na quantidade: o tamanho do embrião aumenta, cresce e alcança o ponto em que se torna aguda a contradição entre este e a casca. Nesse ponto o embrião quebra violentamente a casca e a destrói, emergindo algo qualitativamente diferente: o pinto.

A mudança quantitativa tem-se transformando numa mudança qualitativa.

Se olharmos o ciclo de vida do pinto, parecerá prover um exemplo de como opera a negação da negação. O pinto é a afirmação. Em certo ponto no ciclo de sua vida é negado para produzir um ovo, e o ovo é uma vez mais negado para recuperar a afirmação, presumivelmente em um nível mais alto de desenvolvimento evolutivo. E o processo segue repetindo, e à medida que ocorre, a espécie está continuamente evoluindo e avançando.

III. CRÍTICA AO MATERIALISMO DIALÉTICO À LUZ DO UNIFICACIONISMO

A. A PRIMEIRA LEI

Na perspectiva marxista do desenvolvimento há dois elementos: tese e antítese. A essência fundamental da relação entre eles é a contradição. Poderíamos chamar a essa relação uma relação de sujeito/objeto.

Como surge o progresso? Surge quando uma parte da relação destrói a outra. Se há uma disputa entre um sindicato e os patrões, estes devem ser destruídos? Se há uma disputa entre o povo e o Governo de alguma nação em particular, é possível se sentar e negociar? Não. Uma parte tem que destruir a outra. Esta é uma aplicação prática da dialética. Não há nenhum ponto no qual se tente resolver os problemas mediante meios democráticos. O único modo para que haja progresso é quando uma parte força sua vontade o seu programa sobre a outra parte e a destrói. As negociações no marxismo-leninismo são meramente extensões de uma luta intrínseca.

Este é o desenvolvimento equivocado de como processa o desenvolvimento. Para que uma relação traga progresso, não é possível que sua essência seja contrariada. Toda relação que produz desenvolvimento e progresso deve ser essencialmente uma relação de interação harmoniosa baseada em um idêntico propósito.

A interação necessária para trazer desenvolvimento e progresso não é a interação de sujeito/objeto; é uma interação sujeito/objeto: intercâmbio mútuo entre ambos, centralizado em um propósito comum. Este também pode chamar-se de ação de dar e receber. O propósito comum atrai os elementos para uma relação; o dar e receber os leva a uma unidade e quando se unem, cumpre-se o propósito. O propósito pode ser o enriquecimento dessa relação ou pode ser uma nova criação.

Essa lei geral ocorre em todos os níveis. O próton e o elétron se unem para formar átomos; estame e pistilo se unem para formar uma semente etc.

O ovo que falamos anteriormente também é um bom exemplo. A casca está na posição de objeto com respeito ao embrião, que o protege até o seu desenvolvimento, quando então o pinto está apto para nascer. Nesse ponto não oferece quase nenhuma resistência, e é muito fácil

para o pinto fazer seu caminho para fora da casca.

Isto não significa que ignoremos o fenômeno da repulsão ou rejeição. A repulsão é um fenômeno de sujeito/sujeito. Quando dois sujeitos se aproximam um do outro - por exemplo: dois prótons - tendem a experimentar uma força de repulsão. Este é um fenômeno secundário, o qual ocorre para apoiar o fenômeno primário de interação.

No nível físico, se toda a matéria se atraísse a si mesma, o universo se condensaria e não se geraria o espaço. No nível vegetal e animal podemos ver facilmente que essa conduta de repulsão é necessária para assegurar uma ótima distribuição de indivíduos para sua substância e reprodução. No nível humano é bastante evidente que os indivíduos não se sentem atraídos para ter relações mútuas se não sentem que surgirá algum benefício mútuo.

B. A SEGUNDA LEI

Podemos observar a segunda lei: a transformação de quantidade em qualidade. O erro nesta lei é duplo. Em primeiro lugar, a mudança deve ser gradual. Não é necessário que ocorra mudança quantitativa e seja seguido por uma repentina mudança em qualidade. E mais, quantidade e qualidade não necessariamente mudam sucessivamente, mas simultaneamente.

No exemplo do pinto, se a quantidade se transformasse primeiro, deveríamos esperar que o embrião se tornasse mais e maior até que finalmente quebrassem a casca e se tornasse um pinto. O que ocorre dentro do ovo é uma mudança simultânea de qualidade e quantidade, até uma incrível e completa série de interações químicas e biológicas ocorrendo dentro do ovo, permitindo que o embrião se desenvolva em um pinto depois de 21 dias de incubação.

C. A TERCEIRA LEI

Finalmente podemos considerar a negação da negação. A primeira coisa que poderíamos perguntar aqui é uma definição do termo. Que significa negação? Temos usado o termo ao longo desse estudo sem realmente defini-lo. Marx e Engels o usam em todos os seus textos sem nunca defini-lo. A negação significa a destruição de um elemento por outro, ou se refere às transformações cíclicas nas quais a destruição não é uma parte necessária?

Quando Marx fala do sistema capitalista está falando de destruição; não fala de reforma ou transformação, particularmente depois de escrever "Uma contribuição à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel, Introdução", 1843. Ele fala sobre a eliminação do sistema capitalista e do capitalista. Contudo, quando Engels o apóia com seus numerosos exemplos da "dialética" operando na natureza, ele está descrevendo algo diferente. Ele dá exemplos de transformações cíclicas não destrutivas; em outras palavras, há uma manipulação de termos, sofisticadamente.

O termo negação é usado para conduzir a gente a pensar nos termos de violência, de contradição e de revolução. É certo que ocorrem transformações cíclicas na natureza, porém é enganoso chamar "negações". Quando a planta produz a semente, não se destrói a própria planta, que pode permanecer por muitos anos produzindo frutos e sementes a cada ano.

Como conclusão, vemos que a perspectiva marxista tem "conquistado" a mente de muita gente. Em particular, é muito poderosa para desenvolver um ponto de vista metafísico de como funcionam as coisas e aplicá-lo à história. Podemos demonstrar a falsidade do marxismo bastante facilmente, e muitos o têm feito; porém o nosso trabalho não se fecha nesse ponto. Devemos propor uma perspectiva diferente. Isto é o que trata a cosmologia Unificacionista, o qual descreve o desenvolvimento e o estende, aplicando a um entendimento da história. Vemos que esta se desenvolve com um propósito, ligada às interações entre os homens e a interação de Deus e do homem.